

Trabalho de Conclusão de Curso II

2020/2

novos espaços de trabalho

Vivian Pascareli Oliveira Figliuolo



Universidade Federal do Amazonas

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso II – 2020/2

NOVOS ESPAÇOS DE TRABALHO

Tese para obtenção do título de arquiteta e urbanista apresentada por:

Vivian Pascareli Oliveira Figliuolo - 21600543

Orientada por: Rodrigo Capelato

Manaus,

Novembro, 2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F472n Figliuolo, Vivian Pascareli Oliveira
Novos espaços de trabalho / Vivian Pascareli Oliveira Figliuolo .
2021
119 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Rodrigo Capelato
TCC de Graduação (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Coworking. 2. Trabalho. 3. Espaço público. 4. Work. 5. Public
Space. I. Capelato, Rodrigo. II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

ao Professor Rodrigo Capelato por todas as conversas das
quartas-feiras que enriqueceram meu trabalho,

à Professora Vlândia Catanhede, à Professora Thaís
Furtado e ao arquiteto Laurent Troost por gentilmente aceitarem
fazer parte de minha banca,

à Andressa, Bianca, Jennifer, Juliana, Laís e Samia por
serem minhas companheiras nessa jornada, mesmo de longe,

à Beatrice e Lorena por todas as conversas inspiradoras e
todo o apoio nas horas mais intensas,

à todos os colegas que a UFAM e o MEJ me
proporcionaram, por todos os momentos e por todas as trocas,

ao Luiz, Luan, Ellem e Mayara por acreditarem em mim e
me mostrarem a arquitetura na prática,

à UFAM, por ter me acolhido e me feito viver experiências
incríveis,

à meus pais, Vittorio e Viviane, ao meu irmão, Vittorio, e à
minha família, por tudo.

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta o estudo e o desenvolvimento do projeto de um *coworking* e centro de capacitação cujo objetivo é debater sobre as novas formas de trabalho da sociedade do século XXI. Através da reflexão crítica do papel que o trabalho exerce na sociedade, justifica-se o projeto com as novas necessidades do mundo contemporâneo, reforçadas após a pandemia do coronavírus. Com o aparato de pesquisas, estudos de caso e análises do lote escolhido para inserção do objeto, surge uma proposta arquitetônica que visa ressignificar não só a forma e o ambiente de trabalho, mas também requalificar o entorno no qual está inserida.

Palavras-chave: *coworking*, trabalho, espaço público

ABSTRACT

The present work proposes the study and development of the project of a coworking and training center whose objective is to debate about the new ways of working in the 21st century society. Through reflection on the role that work plays in society, the project is justified with the needs of the contemporary world, reinforced after the coronavirus pandemic. With the apparatus of research, case studies and analysis of the selected lot for insertion of the object, an architectural proposal emerges that aims to reframe not only the form and the work environment, but also to requalify the environment in which it is inserted.

Keywords: coworking, work, public space

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	11
PROBLEMATIZAÇÃO	12
JUSTIFICATIVA	17
METODOLOGIA	18
OBJETIVOS	19
2 PESQUISA	20
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	21
ESTUDOS DE CASO	37
3 DIAGNÓSTICO TERRENO	50
4 PROJETO	73
5 ESTUDO PRELIMINAR	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

1. APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

A sociedade do século XXI está inserida em um momento de transformação no seu modo de trabalho devido ao aumento da digitalização e a inserção de novas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano. A pandemia de COVID-19 e a instauração do *home office* também são catalisadores da mudança de paradigma no modelo de trabalho devido ao fechamento de diversos postos e a adoção do teletrabalho como modelo principal de funcionamento, exigindo adaptações nos espaços e na forma de reinserir as pessoas no mercado. Além disso, a pandemia expôs a fragilidade do sistema econômico e modelo de consumo atual, baseado em “extrair, produzir e desperdiçar”.

A crítica que se faz ao paradigma vigente de consumo revela a necessidade de repensar os modelos tradicionais de se conceber os edifícios e como eles impactam na qualidade de vida e na dinâmica urbana. Desse modo, o modelo de compartilhamento surge como uma estratégia importante, que sintetiza as novas necessidades e as demandas do mundo no século XXI. Os coworkings são um modelo corporativo emergente, um espaço de escritório criado para ser utilizado coletivamente e permitir a ampliação da rede de contatos, potencializando o surgimento de ideias inovadoras.

PROBLEMATIZAÇÃO

1. O TRABALHO

Devido a nova fase da revolução tecnológica, do aumento da digitalização e de novas tecnologias de informação e comunicação, o mercado de trabalho está sofrendo grandes transformações que acarretam danos à saúde, ao ambiente e à sociedade como um todo.

Segundo Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010), apesar dos elevados patamares tecnológicos alcançados em todo o planeta, o mundo da produção continua estruturado e movido através do acúmulo de capital e lucro, o que mantém a lógica produtiva que regia as relações trabalhistas do século XIX e limita as possibilidades do trabalho ser um meio de desenvolvimento das potencialidades do homem.

O trabalho no mundo pós-moderno é marcado por altas taxas de informalidade, precarização e desproteção do trabalho, atravessado por profundas desigualdades sociais (ABRAMO, 2019). Tal precarização das relações e contratos de trabalho representa um retrocesso nas conquistas dos direitos sociais para os trabalhadores, resultantes da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no Brasil, durante a Era Vargas em 1943.

O hiperindividualismo que permeia a sociedade do século XXI é reforçado pelo discurso motivacional e da busca pela excelência, a partir da ideia da perfeição e superioridade, onde “cada indivíduo assume a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso no mercado de trabalho” (ROCHA, 2018).

PROBLEMATIZAÇÃO

As metas inalcançáveis, as jornadas estendidas, a intensificação do controle mascarada de autonomia, a escassez dos tempos de descanso e a busca incessante pela alta performance trazem consequências desastrosas para os indivíduos. O filósofo e teólogo Byung-Chul Han, em seu livro “A Sociedade do Cansaço” classifica a sociedade do século XXI como uma “sociedade de desempenho”, onde, “no lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” e o “excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” onde “o explorador é ao mesmo tempo o explorado”.

A relação paradoxal e a realidade perversa que o trabalhador está submetido, resultam em condições de trabalho exaustivas e que levam à sua degradação física e mental, causando adoecimento, lesões, acidentes, assédio moral e aumento na quantidade de transtornos mentais (PEREIRA, 2014). Os principais grupos de patologia, segundo Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010), são Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e Distúrbios Osteomusculares relacionados ao Trabalho (DORT), transtornos mentais – depressão, ansiedade, síndrome de Burnout, fadiga patológica – e doenças coronárias causados pela submissão continuada ao estresse.

PROBLEMATIZAÇÃO

2. A PANDEMIA DE COVID-19

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto causado pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), uma pandemia global. Detectado pela primeira vez em dezembro de 2019 em Wuhan, na China, esse vírus causa o COVID-19, doença cujo quadro clínico varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (BARROSO, 2020). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Brasil, mais de 16 milhões de pessoas já foram diagnosticadas com o vírus após oito meses da notificação do primeiro caso em 21 de fevereiro de 2020.

A crise proporcionada pela pandemia atingiu todos os âmbitos da sociedade e exigiu mudanças ágeis nas organizações a fim de conter o espriamento do vírus e manter a continuidade das atividades laborais, buscando mitigar os danos à economia. Desse modo, acelerou-se a adoção de práticas de gerenciamento e suporte a processos de trabalhos remotos e medidas governamentais com alternativas trabalhistas para enfrentamento do estado de calamidade pública instaurado no país (CASTRO et al., 2020).

De acordo com o PULSO Empresa IBGE (2020) , apesar das medidas adotadas, mais de 26.000 empresas da região Norte encerraram temporariamente ou definitivamente suas atividades, onde, desse valor, 42,1% instituições tiveram como motivo principal de encerramento a pandemia da COVID-19. Porém, nas empresas que mantiveram suas

PROBLEMATIZAÇÃO

atividades, 27% reduziram o quadro de funcionários apenas na primeira quinzena de Junho de 2020.

O teletrabalho, ou home office, configurou-se como uma das principais estratégias para continuação das atividades laborais (CASTRO et al., 2020), visto que 46,7% das empresas do Norte adotaram a metodologia desde o início da pandemia até a primeira quinzena de Junho de 2020 (IBGE, 2020). De acordo com Di Martino e Wirth (1990, apud RAFALSKI, 2015, p. 433) o teletrabalho pode ser definido como o conjunto de atividades profissionais realizadas fora do escritório e sem contato pessoal com colegas de trabalho, mas, com a possibilidade de uso das tecnologias de informação e de comunicação (TIC). Alguns benefícios desse novo modelo de trabalho incluem a redução de gastos pessoais, eliminação do estresse causado pelo trânsito e transportes

Redução no quadro de funcionários

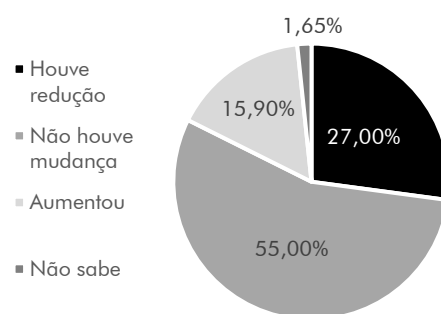


Gráfico 01: Redução no quadro de funcionários durante a pandemia de COVID-19.
Fonte: Pulso Empresa IBGE – COVID-19 (2020)

Encerramento de atividades

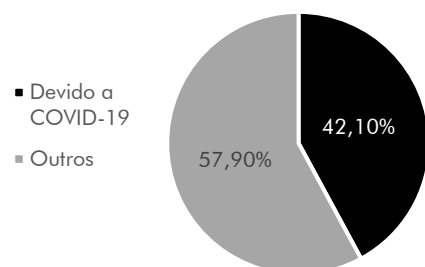


Gráfico 02: Encerramento de atividades de empresas durante a pandemia de COVID-19.
Fonte: Pulso Empresa IBGE – COVID-19 (2020)

PROBLEMATIZAÇÃO

coletivos lotados, melhoria da vida familiar e com a vizinhança devido à presença em casa durante mais tempo e melhoria da produtividade e autonomia, que resultam no aumento da qualidade de vida (EVANS, 1993, apud SILVA, 2009, p. 89). Além das vantagens para empresas e trabalhadores, o trabalho remoto trás impactos positivos para toda a sociedade, visto a redução do volume do trânsito e da poluição ambiental e o estímulo a revitalização de bairros mais afastados dos grandes centros (SILVA, 2009), marcados pela migração pendular que os transformavam em bairros-dormitórios.

Porém, a transição para o teletrabalho e a instauração do trabalho remoto como modelo principal das atividades laborais causa estranhamento e consequências à longo prazo, como foi levantado por Rafalski (2015). Em sua pesquisa, os participantes sinalizaram a dificuldade em estabelecer limites entre o ambiente pessoal e o profissional, que pode representar uma hiperexploração do trabalhador e gerar conflitos com a família, configurando maior predisposição ao aumento nos níveis de depressão e a piora na saúde física. Além disso, a perda da socialização e o isolamento dos colegas de trabalho promove menor adaptação ao ambiente e diminui as trocas de conhecimento, reforçando a hiperindividualização a qual a sociedade pós-moderna está inserida.

PROBLEMATIZAÇÃO

Segundo a Pesquisa de Gestão de Pessoas na Crise de Covid-19, conduzida pela Fundação Instituto de Administração (FIA, 2020), 53% das instituições pesquisadas não pretendem manter o modelo de home office no pós-crise, enquanto 47% das empresas consideram manter pelo menos uma porcentagem de seus funcionários trabalhando remotamente.

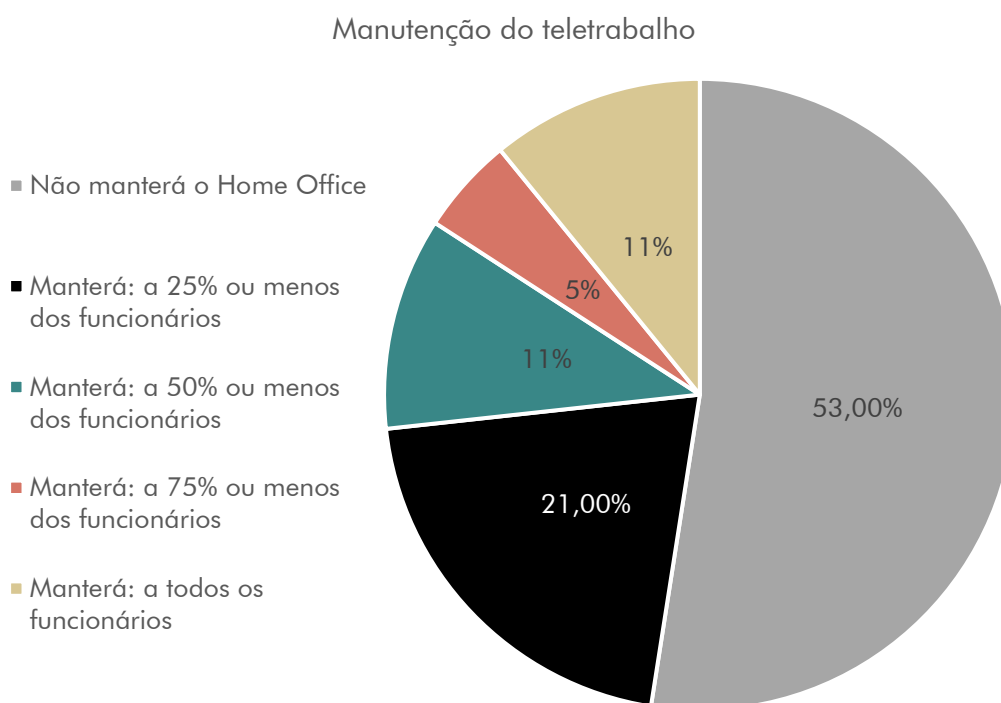


Gráfico 03: Manutenção do teletrabalho pelas empresas após a pandemia de COVID-19. Fonte: Pesquisa de Gestão de Pessoas na Crise de COVID-19 – Fundação Instituto de Administração (FIA, 2020)

JUSTIFICATIVA

O surto de COVID-19 e a instauração do *home office* pode ser considerado o catalisador de uma mudança de paradigma no modelo de trabalho. Embora a tipologia tradicional de edifícios de escritórios não esteja ameaçada, os espaços terão de se adaptar mais rapidamente às mudanças vindouras no ambiente de trabalho causadas pelo incremento de trabalhadores remotos no mundo todo (WALSH, 2020).

Além disso, a pandemia expôs a fragilidade do sistema econômico e modelo de consumo atual, baseado em “extrair, produzir e desperdiçar” (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2017). Este modelo é ameaçado devido à incompatibilidade entre os níveis de produção e consumos atuais e a disponibilidade de recursos naturais para as próximas gerações (UNEP, 2011 apud LEITÃO, 2015, p. 151)

A crítica que se faz ao paradigma vigente de consumo revela a necessidade de repensar questões referentes ao planejamento das cidades, à mobilidade urbana, à sustentabilidade e à qualidade de vida no mundo contemporâneo. A arquitetura deve repensar os modelos tradicionais de se conceber os edifícios e sua funcionalidade no planejamento urbano (SANTOS, 2014).

A partir do contexto apresentado, o modelo de compartilhamento é uma estratégia importante e pode ser traduzido nos espaços de *coworking*, um modelo corporativo emergente voltado a colaboração de diversos profissionais em um mesmo ambiente espacial.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido na perspectiva de pesquisa qualitativa, já que apresenta análises sociais, espaciais e projetuais que levam a produção do projeto, resultado final do trabalho.

Primeiramente, o tema foi definido a partir da análise crítica da sociedade do século XXI e do modelo de trabalho vigente, onde suas problemáticas foram mais escancaradas com a pandemia de COVID-19 e resultou no debate da relação espacial e laboral.

Em um segundo momento, foi realizado um estudo acerca do tema em questão, através de uma fundamentação teórica que abordou conceitos mais gerais até chegar no nível do entorno do lote escolhido para abrigar o programa arquitetônico.

Em seguida, foram estudadas algumas obras arquitetônicas que inspiraram o conceito e colaboraram para a compreensão de fluxos e do programa de necessidades de edifícios com a tipologia proposta.

Após essa pesquisa, tem-se o produto final representado aqui em plantas baixas, cortes, fachadas e imagens renderizadas para uma melhor compreensão do projeto e de como ele se insere na cidade.

OBJETIVOS

Em síntese, o objetivo da proposta é:

1. Oferecer uma solução arquitetônica que abrigue as novas demandas do mercado de trabalho, proporcionando um ambiente saudável, humanizado, que gera qualidade de vida para seus usuários baseado nas necessidades do trabalhador do século XXI;
2. Potencializar o senso de rede através de espaços que promovam a colaboração e a partir da relação entre edifício-cidade;
3. Promover um espaço de troca de experiências e educação, através da oferta de capacitações e eventos para a comunidade em geral que busca se reinserir e reposicionar no mercado.

2. PESQUISA

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esse trabalho percorre um caminho desde o entendimento das necessidades da geração atual e da cidade, marcada pelas mudanças de comportamento da sociedade e quais relações arquitetônicas podem ser usadas para suprir tais demandas.

Portanto, a pesquisa tem como fundamentação teórica os conceitos de: economia circular, *coworking*, qualidade do espaço construído e cidade a nível dos olhos.

1. ECONOMIA CIRCULAR

A partir da Revolução Industrial, com a ascensão do capitalismo como é conhecido hoje, os bens de consumo se tornaram cada vez mais acessíveis o que, a longo prazo, trouxe mazelas ao planeta e aos finitos recursos naturais existentes, exigindo que seja repensado esse modelo de consumo a fim de criar-se algo mais sustentável.

A economia circular surge como uma alternativa, visto que, baseada em três princípios, busca construir um capital econômico, natural e social. Segundo a Fundação Ellen MacArthur, tais princípios são: eliminar resíduos e poluição desde o princípio, manter produtos e materiais em uso e regenerar sistemas naturais”.

Inspirado no funcionamento da própria natureza, o modelo baseia-se em concluir o ciclo de vida dos produtos, permitindo a redução no consumo de matérias-primas, energia e água, promovendo o desenvolvimento de novas relações entre as empresas, que passam a ser

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

simultaneamente consumidoras e fornecedoras de materiais que podem ser reincorporadas no ciclo produtivo (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2012, 2013, 2014 apud LEITÃO 2015, p. 153).



Imagem 01: Diagrama economia linear e economia circular. Fonte: PET Engenharia Sanitária e Ambiental UFBA, 2020

Segundo Botsman e Rogers (2011), “as atividades que fazem parte da economia compartilhada podem ser classificadas em três tipos: sistema de serviço e produto, mercado de redistribuição e estilo de vida colaborativo.” Analisando os três tipos, a proposta de objeto arquitetônico do presente trabalho caracteriza-se como estilo de vida colaborativo.

Alinhado à tais questões, “o modelo de compartilhamento (ou *sharing*) é uma estratégia importante da Economia Circular e que parece ser cada vez mais oportuno e aceito pela sociedade” (CALDAS, 2020).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2. COWORKING

Os coworkings são um modelo corporativo emergente, que sintetizam as novas necessidades e demandas do mundo do trabalho no século XXI e, conseqüentemente, às novas exigências feitas ao campo da Arquitetura Corporativa atual (SANTOS, 2014).

Segundo Moriset (2014), os coworkings emergem a partir das iniciativas de ambientes de colaboração voltados a profissionais de diferentes instituições e diversas áreas, tendo como foco o compartilhamento espacial do trabalho. Refere-se a um formato onde diversas empresas ou profissionais liberais dividem um mesmo espaço e buscam a partilha de gastos com instalações, recurso e serviços - internet, telecomunicações, cafés, etc. - relacionados às atividades laborais (apud SOARES E SALTORATO, 2015, p. 62) .

Para Walsh (2020),

O coworking parece se firmar como o principal vínculo entre o trabalho tradicional e o remoto: onde um espaço de escritório é criado para ser utilizado coletivamente por trabalhadores remotos de diferentes empresas, pessoas que não tem condições de trabalhar de casa ou que preferem ter um contato mínimo com outros seres.

Ademais, esses ambientes de trabalho colaborativo podem ser caracterizados como organismos vivos, que permitem a ampliação da rede de contatos, possibilita conhecer pessoas, ideias novas e a

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

participação em eventos, associado a um custo inferior em relação à construção de um escritório tradicional (BERGOMES, 2017).

A fim de compreender o surgimento dos *coworkings* e traçar seu perfil tipológico arquitetônico, é necessário resgatar o histórico dos edifícios corporativos e como o espaço construído acompanhou a evolução do modo de trabalho e da sociedade como um todo.

O final do século XIX e o início do século XX foram marcados pelo Taylorismo, que pode ser definido como “o sistema de organização industrial concebido por Frederick W. Taylor baseado nos princípios da divisão de tarefas, a fim de se conseguir, com o mínimo de tempo e de esforço, o máximo de rendimento.” (TAYLORISMO, 2021). Desse modo, os espaços de trabalho eram marcados pela segregação espacial e pela hierarquia, especialização e padronização de atividades. Como protótipo desse sistema de gestão aplicado no espaço construído, pode-se citar o Edifício Larking (1904) de Frank Lloyd Wright em Buffalo, NY. Tal construção era formado por um átrio central de pé direito elevado, que era destinado aos funcionários de escalões inferiores, reforçando a divisão hierárquica vigente na época. O átrio priorizava a iluminação natural através da utilização de claraboias e circundado por quatro pavimentos de galerias abertas, de modo a proporcionar o controle total da produção pelos escalões mais altos. Percebe-se que, apesar de construído há um século atrás, algumas características do edifício ainda

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

são encontradas na tipologia de escritórios atualmente, como a priorização da luz natural e a utilização dos níveis para proporcionar conexão entre os ambientes.

Ao observar a década de 40, pode-se perceber o crescimento do movimento humanista que protestava a favor da melhoria e a adequação no tratamento das gerências com os trabalhadores, a fim de que o proletariado parasse de ser visto tal como uma máquina que deveria produzir o máximo em menor tempo, assim como cresce a relevância das variáveis psicológicas. Apesar do surgimento de tais ideais, o modelo de gestão vigente nas empresas continuou baseado no conceito taylorista, não apresentando alterações consideráveis na forma de conceber os espaços de trabalho. Porém, é importante citar o Edifício Johnson's Wax (1939) de Frank Lloyd Wright em Racine, EUA, como marco da década e relevante para a arquitetura corporativa. Nesse edifício, o poder da imagem da empresa foi reforçado através dos pilares de capitel circular em concreto branco, que se tornaram símbolo da companhia. Além disso, a diferença entre a escala humana e a arquitetônica buscava reforçar o que havia sido proposto no Edifício Larking: a hierarquia e a segregação espacial, aliada também com o layout de mesas enfileiradas lado a lado em um átrio central que era circundado por pavimentos superiores onde se localizavam as salas dos escalões mais altos. As inovações propostas pelo arquiteto e que podem

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ser observadas até hoje são o uso de móveis modulados, o plano aberto e a utilização de ar-condicionado em todos os ambientes.

A partir do ano 1950 nota-se uma mudança de paradigma que impactou diretamente como os espaços de trabalho eram organizados: a adoção de ambientes totalmente abertos, sem divisórias entre os funcionários. A princípio, o objetivo era fomentar a colaboração entre os funcionários e reduzir as diferenças hierárquicas, porém, passou a ser adotado para reduzir o custo do metro quadrado devido à forte recessão que os Estados Unidos e a Europa se encontravam. Com o passar do tempo, os funcionários passaram a se queixar do desconforto acústico e da falta de privacidade, o que exigiu o surgimento de uma nova proposta que sanasse tais questões.

Com isso, na década seguinte advém a “era dos cubículos”, ou seja, a adoção das baias com divisórias de 1,80m que criavam um contraponto em relação aos espaços abertos vigentes anteriormente. A intenção da implantação de tal mobiliário era criar espaços individuais e autônomos para os trabalhadores, porém, que ainda fossem flexíveis e permitissem ser alterados caso houvessem mudanças nas circunstâncias do escritório. Atualmente, ainda se encontra esse modelo implantado em escritórios mais tradicionais, porém, o enrijecimento do *layout* e a desumanização do espaço de trabalho levou novamente os arquitetos a repensarem a arquitetura corporativa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os anos 80 foram marcados pela chegada dos computadores e pela ascensão da internet, o que possibilitou o surgimento do trabalho remoto e deu início à revolução tecnológica que levou a sociedade ao patamar que está inserida hoje. Esses avanços tornaram as empresas menos hierárquicas e mais preocupadas com a capacitação profissional e individual, levando à modificação do sistema de organização espacial que visava a redução dos custos operacionais, aumento da capacidade e agilidade nos processos de produção, resultando em trabalhos mais flexíveis que proporcionavam mais liberdade aos funcionários. Essa época foi marcada pelos edifícios altos de escritórios que concentravam diversas atividades em seu programa, tal como o AT&T Building, em Nova York, projetado pelo arquiteto Philip Johnson e que contava com uma academia, espaços de alimentação e atendimento médico em seu interior.

A virada do milênio foi marcada pela disseminação das tecnologias de informação e comunicação, o que transformou completamente a forma de trabalho. Devido a isso, tornou-se mais comum as empresas implementarem políticas de *home office* e os espaços se tornarem mais flexíveis, com compartilhamento de mesas e bancadas, aliado também com o surgimento dos *open offices* das *startups* e grandes empresas de tecnologia que continham decorações marcantes, áreas de desconpressão com *puffs* e jogos e, principalmente,

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

abolindo as diferenças hierárquicas na espacialidade.

Além disso, no início dos anos 2000 Bernard DeKoven, desenvolvedor de jogos norte-americano começa a estudar maneiras de usar a tecnologia para melhorar o trabalho em conjunto e cunha o termo *coworking*. Para ele, “*coworking* é trabalhar junto como iguais, fora da hierarquia, sem chefes. É o jeito que pessoas trabalham quando há uma emergência. Lentamente, mas inevitavelmente será o único jeito de trabalhar efetivamente (COWORKING BRASIL, 2020). A partir dessa primeira definição, dá-se início a um processo mais intensificado do movimento *coworking* em todo o globo, com várias iniciativas de espaços de trabalho compartilhados.

Ao observar a arquitetura corporativa da década de 2010 a 2020, percebe-se a máxima de que o *layout* é usado como a principal ferramenta para gerar espaços de trabalho saudáveis. Diferente dos anos anteriores, os ambientes tentam moldar-se às pessoas – e não ao contrário, o que levou à evolução do *open space* surgido nos anos 1950, dessa vez com um equilíbrio estratégico entre áreas abertas e áreas privativas, com espaços que permitam a múltipla apropriação, a partir da pessoa que o utilizará e da forma que ela prefira trabalhar. Além disso, é perceptível como os escritórios tendem a se afastar do senso comum da tipologia corporativa, adotando cada vez mais espaços de descompressão e áreas de convívio entre os funcionários, que contam

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

com os mais diversos mobiliários, como sofás, balanços e jogos.

Mediante a análise histórica exposta, conclui-se que a configuração espacial dos escritórios muda de acordo com as necessidades do mercado e, principalmente, com acontecimentos históricos. Portanto, em virtude da pandemia de COVID-19 torna-se muito relevante discutir e acompanhar quais alterações físicas os espaços de trabalho sofrerão. Ainda não se tem claro qual é o impacto espacial que isso trará aos escritórios, mas sabe-se que o trabalho híbrido surge como alternativa para o mundo pós-pandêmico, aliado com a individualização do modo de trabalho e a flexibilização dos espaços, proporcionando apropriação de acordo com quem irá utilizá-lo. Desse modo, essas serão premissas utilizadas para o desenvolvimento da proposta projetual do presente trabalho.

anos 20

Edifício Larkin
Frank Lloyd Wright
Buffalo, Nova York, EUA
1904



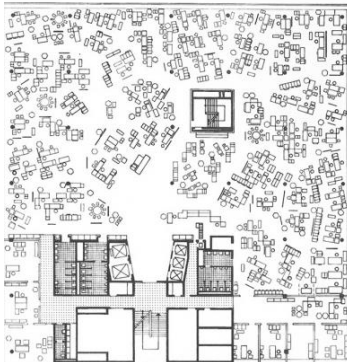
anos 40

Edifício Johnson's Wax
Frank Lloyd Wright
Recine, Wisconsin, EUA
1939



anos 50

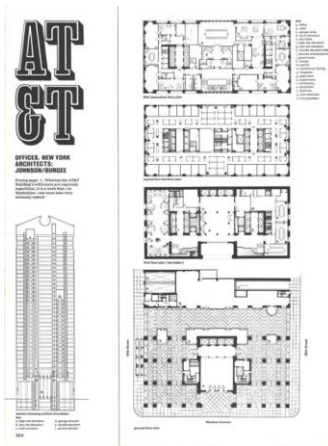
Osram Headquarters
HENN
Munich, Alemanha
1965





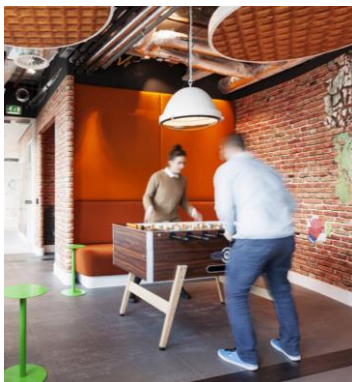
anos **60**

Linha Action Office
Herman Miller



anos **80**

AT&T Building
Philip Johnson
Nova York, EUA
1984



anos **00**

Sede Google - Amsterdam
DDCOK
Amsterdam, Países Baixos
2014

Imagem 02: Análise histórica – Arquitetura de Escritórios. Fonte: acervo da autora, 2021

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo o Censo Coworking Brasil 2019, no mesmo ano existiam 1497 espaços de coworking distribuídos por 195 municípios brasileiros diferentes (exceto no estado de Roraima), representando crescimento de 25% em relação ao ano anterior.

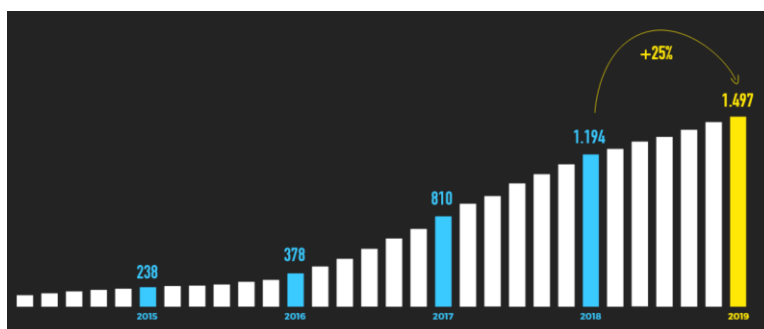


Gráfico 04: Gráfico de crescimento do número de espaços coworking no Brasil. Fonte: Censo Coworking Brasil 2019, 2020

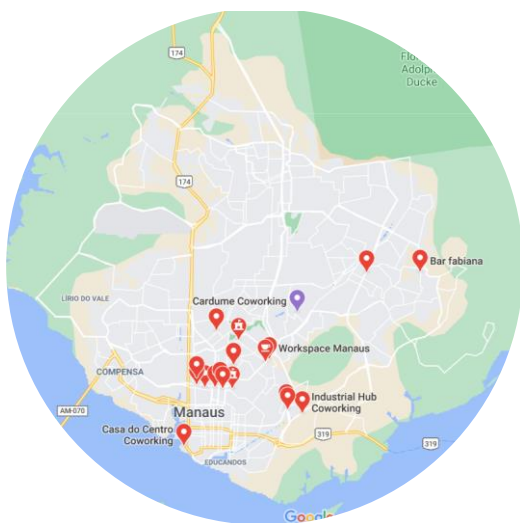


Gráfico 05: Ranking de espaços coworking por estado e por cidade no Brasil. Fonte: Censo Coworking Brasil 2019, 2020

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ainda de acordo com o Censo Coworking Brasil 2019, a média de *coworkers* residentes por espaço, ou seja, usuários fixos, são de 39, um aumento de 85% comparado ao ano anterior. Já a média de pessoas circulando mensalmente pelos espaços, sem necessariamente possuir um contrato duradouro de uso, são 273 pessoas.

Segundo o relatório Brasil ao Cubo – Manaus (2020), o campo de infraestrutura voltada ao empreendedorismo tecnológico, traduzido em espaços de inovação (*hubs & coworkings*) vem crescendo na cidade de Manaus. Foram identificados mais de 15 *coworkings* na capital amazonense durante a pesquisa.



Percebe-se que a maioria das unidades se concentram na zona Centro-Sul da cidade (Adrianópolis, Nossa Senhora das Graças, Aleixo) devido a proximidade com os centros econômicos, comerciais e de serviços da cidade e na zona Sul (Japiim), devido a proximidade com o distrito industrial.

Imagem 03: Localização de espaços *coworking* em Manaus. Fonte: acervo da autora, 2021

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3. QUALIDADE DO ESPAÇO CONSTRUÍDO

A maioria das pessoas passa toda a sua vida em contato constante com a arquitetura, que proporciona abrigo, trabalho e lazer. O espaço construído, fruto do projeto arquitetônico, possui forte relevância e influência na saúde e bem-estar de seus usuários (CHING, 2014 apud ABRAHÃO, 2019, p. 3). Segundo Pallasmaa (2017), “as emoções que derivam da forma e do espaço surgem a partir de diferentes confrontos entre o homem e o espaço, entre a mente e a matéria. Um impacto arquitetônico emocional está relacionado a um ato e não a um objeto ou a um elemento visual ou figurativo”, ou seja, a relação e o uso concedido a um objeto arquitetônico são capazes de desencadear sentimentos e emoções para quem o utiliza.

Porém, a dinâmica da cidade contemporânea está baseada no paradigma materialista cartesiano-newtoniano, onde os edifícios são concebidos para atender às necessidades funcionais e as cidades são construídas como aglomerados de construções sólidas, frias, que negam o meio ambiente no qual se inserem e crescem inexpressivas, desprendidas de vínculos afetivos e emocionais que a arquitetura possa ter com o homem (OKAMOTO, 2002 apud LADISLAU E TRINDADE, 2019, p. 1).

Tal relação conflituosa pode ser vista nos ambientes laborais contemporâneos. Muitos espaços de trabalho vêm sendo construídos sem a observação das necessidades individuais, como as necessidades

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ergonômicas ou de saúde física e psicológica, interferindo no bem-estar e qualidade de vida dos usuários (BOSA, 2017). Isso se traduz em trabalhadores com maiores predisposições a patologias, como LER/DORT, transtornos mentais – depressão, ansiedade, síndrome de Burnout, fadiga patológica – e doenças coronárias causados pela submissão continuada ao estresse (FRANCO et al., 2010), impactando âmbitos da vida fora do ambiente de trabalho.

A fim de mitigar tais efeitos maléficos da arquitetura na sociedade, em 2014 o *Internacional WELL Building Institute* (IWBI), administrado em parceria com o órgão certificador *Green Building Certification Institute* (GBCI), lançou a certificação WELL, focada exclusivamente na saúde e no bem-estar humano. O WELL aborda conceitos relacionados à saúde humana no ambiente construído – ar, água, nutrição, iluminação, aptidão física, conforto, mente e inovação. Entende-se que um espaço com este certificado é capaz de melhorar o humor, padrões de sono, desempenho, saúde e qualidade de vida de seus ocupantes (WALSH, 2017).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4. A CIDADE A NÍVEL DOS OLHOS

Segundo Jan Gehl (2015), “o tratamento dos espaços de transição da cidade, em especial os andares mais baixos dos edifícios, tem influência decisiva na vida do espaço urbano. Trata-se das zonas de caminhada quando se está na cidade, são as fachadas que se vê e se experimenta de perto, portanto, mais intensamente.” Tais espaços de transição citados pelo autor são definidos como *plinths*, a soma do andar térreo dos prédios, da fachada, das extensões da calçada e da rua até onde os olhos podem ver.

A esfera pública da apreensão da cidade vai além do espaço público e inclui todos os elementos que podem ser vistos a nível dos olhos, portanto, “os *plinths* são cruciais para a experiência e atratividade do espaço urbano, seja em áreas residenciais ou comerciais” (THE CITY AT EYE LEVEL, 2016)

O projeto The City at Eye Level, que busca retomar a atenção dos arquitetos e urbanistas para a escala humana das cidades, definiu três critérios básicos para avaliar se uma rua é boa ao nível dos olhos, são eles:

1. Boas construções, com previsão de uso flexível no andar térreo, usualmente com caráter público a fim de que o pedestre sinta-se acolhido ao transitar pela área;
2. Boas ruas, com diversificação de usos e equilíbrio entre os diferentes modais;
3. Entender o contexto do local e as potencialidades da área;

ESTUDOS DE CASO

1. ÁGORA TECH PARK

Através do uso de elementos construtivos pré-fabricados e volumetria simples, de fácil apreensão, o Estúdio Módulo desenvolveu o projeto do Ágora Tech Park, um parque tecnológico localizado em Joinville, SC.

A concepção volumétrica e a distribuição dos espaços se deu através de um eixo gerador de todo o projeto: um espaço central com pé-direito triplo que integra todos os pavimentos e onde convergem a circulação, o estar e os encontros dos usuários.

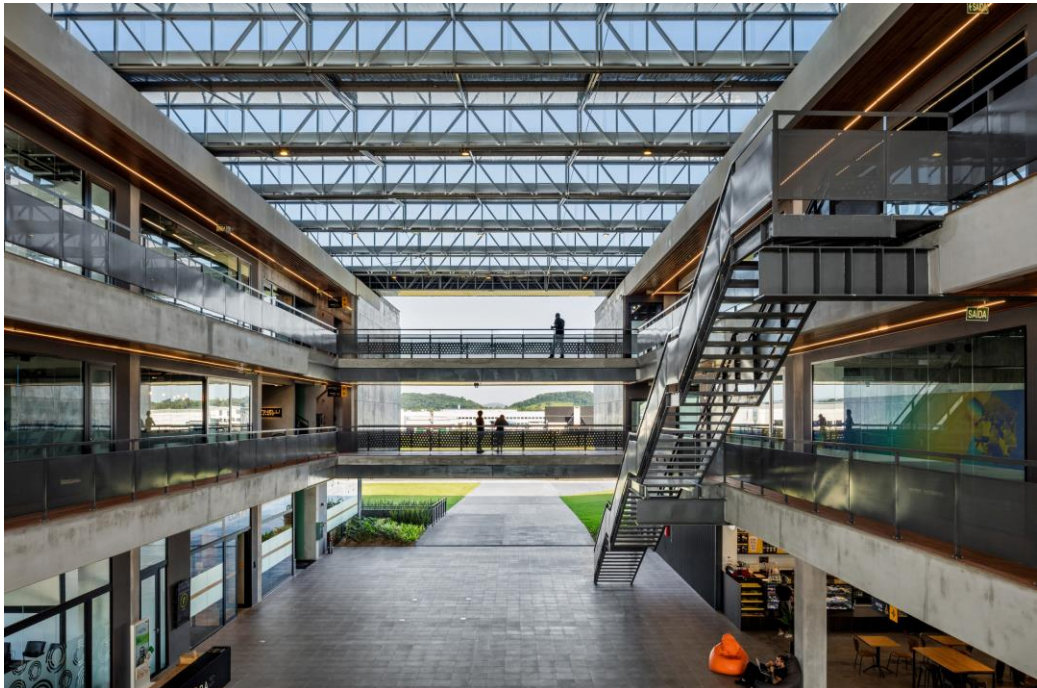


Imagem 04: Ágora Tech Park. Fonte: Archdaily Brasil, 2021



ARQUITETOS: Estúdio Módulo

ANO: 2019

LOCAL: Joinville, SC, Brasil

ÁREA: 7917m²

CONTRIBUIÇÕES PARA A PROPOSTA:

- Configuração do espaço de trabalho;
- Volumetria;
- Flexibilidade e conexão dos ambientes;

ESTUDOS DE CASO

A fim de criar uma volumetria mais acolhedora, algumas estratégias foram utilizadas no pavimento térreo para gerar um plano que se expande além dos pavimentos superiores. Para isso, os arquitetos optaram pela não utilização de pilotis, a implantação de espelhos de água no contorno do pavilhão e o prolongamento do piso externo da esplanada para o núcleo do edifício, marcando o fluxo de acesso livre e incentivando a entrada dos usuários.



Imagem 05: Ágora Tech Park. Fonte: Archdaily Brasil, 2021

ESTUDOS DE CASO

O programa é distribuído em dois blocos conectados por passarelas transversais de conexão e escadas. O primeiro é menor e mais compartimentado, reunindo ambientes pequenos como salas de reunião, copas, sanitários e a prumada de circulação vertical. Já o segundo é maior e possui uma planta livre com divisões independente da estrutura para proporcionar a flexibilidade necessária no espaço de trabalho.

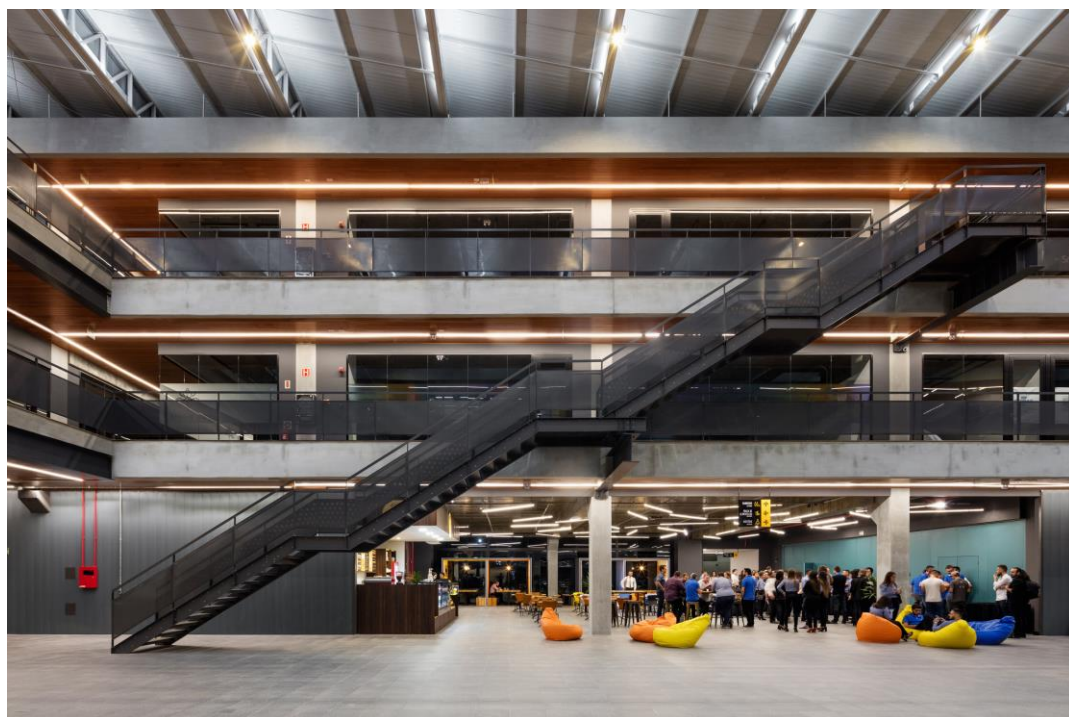


Imagem 06: Ágora Tech Park. Fonte: Archdaily Brasil, 2021

ESTUDOS DE CASO

2. CASARÃO DE INOVAÇÃO CASSINA

O projeto do arquiteto Laurent Troost, está inserido nas ruínas do antigo Hotel Cassina, marco na paisagem histórica da cidade de Manaus e faz parte do Planejamento Estratégico Manaus 2030 que visa fomentar e apoiar empreendedores da área tecnológica da cidade, assim como dar início à ocupação do Centro Histórico de Manaus como um polo digital.

A concepção do edifício se deu através de uma intervenção não invasiva no interior das ruínas da fachada do antigo hotel, de forma a preservar o estado de ruína existente e paralisar sua degradação.

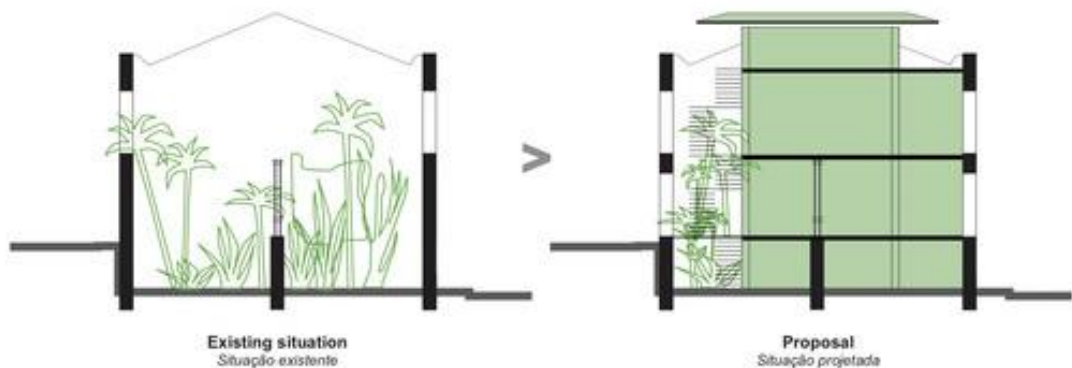


Imagem 07: Casarão da Inovação Cassina Fonte: Archdaily Brasil, 2021



ARQUITETOS: Laurent Troost Architectures

ANO: 2020

LOCAL: Manaus, AM, Brasil

ÁREA: 1586m²

CONTRIBUIÇÕES PARA A PROPOSTA:

- Programa de necessidades;
- Materialidade;
- Estudo de fluxos;

ESTUDOS DE CASO

A materialidade do projeto é marcada pela estrutura em aço industrial e do vidro para integração dos espaços e do meio interno-externo. Tais escolhas reforçam a dicotomia entre a “casca” do antigo edifício, que representa a historicidade do local com a modernidade do programa e os avanços tecnológicos previstos para a área. Todas as instalações são aparentes e utilizam-se materiais de fácil manutenção.

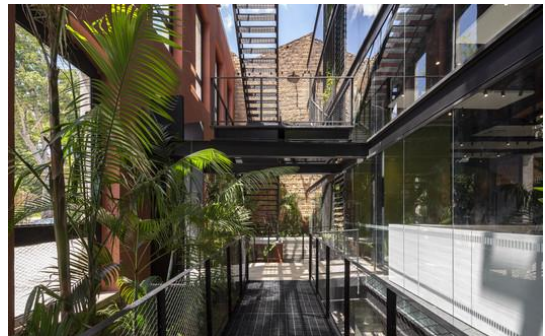


Imagem 08, 09, 10 e 11: Casarão da Inovação Cassina. Fonte: Archdaily Brasil, 2021

ESTUDOS DE CASO

O edifício concentra espaços multifuncionais, salas de reuniões, laboratórios, salas de formação e espaço de trabalho compartilhado com 54 estações, aliados à tipologia coworking que está sendo estudada no presente trabalho.

Percebe-se que a distribuição do programa no edifício se deu de acordo com a gradação dos ambientes público/privado, sendo os andares mais baixos (subsolo e térreo) reservados a espaços mais privados, como o setor administrativo e salas de capacitação, enquanto que o primeiro pavimento e o terraço se concentram atividades mais públicas, como o restaurante e o espaço de coworking.

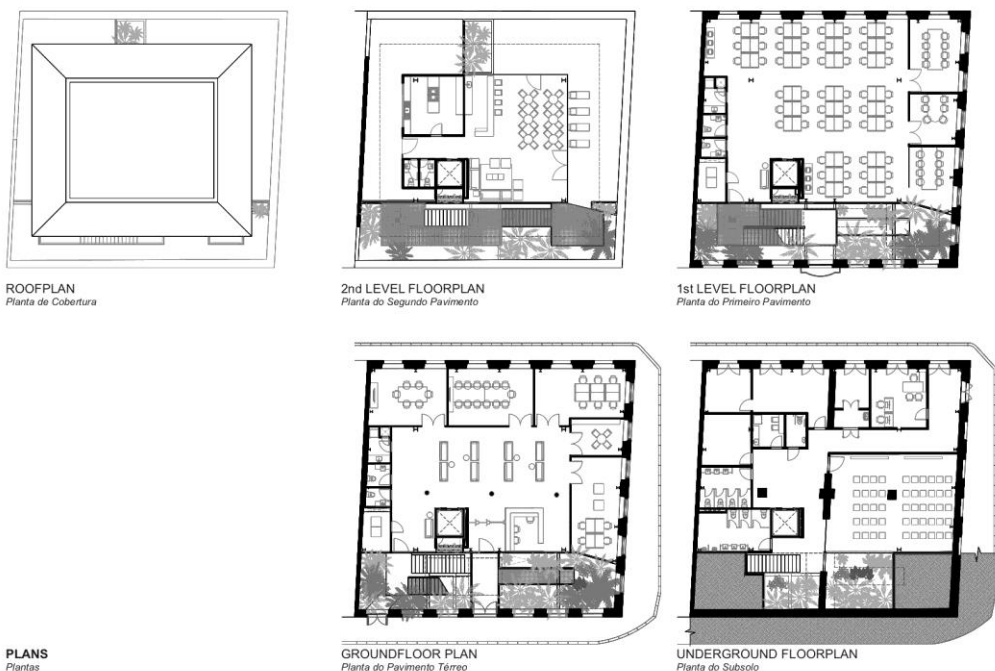


Imagem 12: Casarão da Inovação Cassina. Fonte: Archdaily Brasil, 2021

ESTUDOS DE CASO

Como estratégia bioclimática, o arquiteto priorizou a ventilação cruzada em todos os pavimentos, facilitada pela presença de um exuberante jardim atrás da fachada principal e pela largura reduzida do edifício. Além disso, o projeto conta com um vão ventilado entre a laje e o teto do restaurante, que está protegido pelos amplos beirais em todas as direções, e esquadrias com aletas de vidro na fachada leste, atingida pelo sol nascente, que criam uma fachada ventilada de dupla face.



Imagem 13 e 14: Casarão da Inovação Cassina. Fonte: Archdaily Brasil, 2021

ESTUDOS DE CASO

3. PRAÇA DAS ARTES

O projeto Praça das Artes, do escritório Brasil Arquitetura é resultante da restauração e reabilitação de um complexo de edifícios presentes no centro da cidade de São Paulo que abrigam as instalações para funcionamento das Escolas e Corpos Artísticos do Teatro Municipal da cidade.

A fim de marcar o caráter público e de convergência da vida urbana, os edifícios foram locados de forma a deixar o núcleo da quadra livre, formando um rasgo na fachada da rua que incentiva os pedestres a explorarem seu interior.

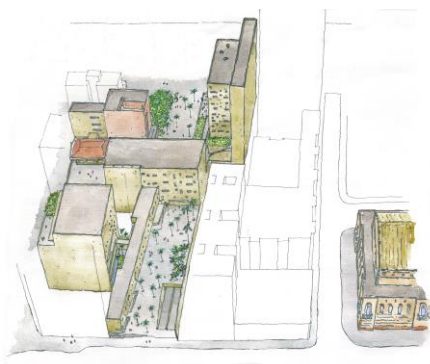


Imagem 15, 16, 17 e 18: Praça das Artes. Fonte: Archdaily Brasil, 2013



ARQUITETOS: Brasil Arquitetura

ANO: 2012

LOCAL: São Paulo, SP, Brasil

ÁREA: 28500m²

CONTRIBUIÇÕES PARA A PROPOSTA:

- Objeto como extensão do espaço público;

ESTUDOS DE CASO

4. LADEIRA DA BARROQUINHA

O projeto de urbanização da Ladeira da Barroquinha é um importante marco da arquitetura nacional não apenas pela valorização das vistas e do patrimônio histórico que a cerca, mas também pela solução para vencer o desnível que marca a paisagem respeitando os usuários e a utilização já consolidada que existia no local.

Considerando os fluxos já existentes e os comércios presentes no entorno, o desenho da escadaria é gerado respeitando tais aspectos e proporcionando que o caminhar seja uma grande forma de apropriação do espaço, através dos platôs maiores que levam o usuário a um caminhar mais lento e permitem o descanso através do mobiliário urbano inserido nos degraus.

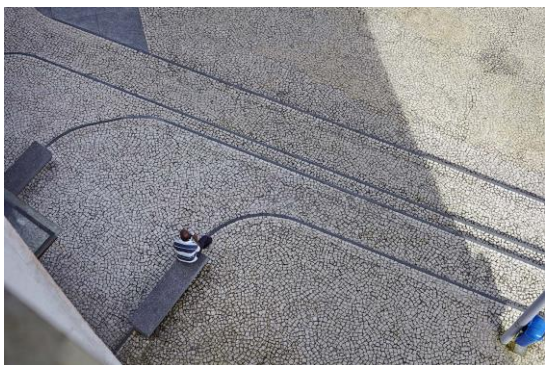


Imagem 19 e 20: Ladeira da Barroquinha. Fonte: Archdaily Brasil, 2016



ARQUITETOS: Metro Arquitetos Associados

ANO: 2013

LOCAL: Salvador, BA, Brasil

ÁREA: 2440 m²

CONTRIBUIÇÕES PARA A PROPOSTA:

- Solução para vencer desnível;
- Área de passagem transformada em espaço público de qualidade;

3. DIAGNÓSTICO TERRENO

LOTE

1. JUSTIFICATIVA

A fim de escolher o local para implantação do objeto, foi necessário estudar o público-alvo do projeto a fim de entender quais as necessidades dos usuários e quais potencialidades os terrenos poderiam proporcionar.

Para isso, é possível diferenciar dois principais grupos de usuários da proposta:

1. Coworking: Profissionais liberais e microempresas sem espaço físico e/ou em regime de trabalho remoto, startups, empresas de responsabilidade social em desenvolvimento e estudantes;
2. Centro de capacitação: Comunidade em geral;

Observando as características em comum dos grupos, percebe-se a necessidade do objeto se localizar próximo a uma **centralidade econômica** da cidade para atender a demanda necessária e possuir um **fácil acesso**, para incentivo de utilização.

Visto tais critérios, o local identificado com o maior potencial construtivo foram os eixos urbanos centrais da cidade já estabelecidos, como a Av. Djalma Batista e a Av. Constantino Nery, no bairro Chapada, devido sua facilidade de acesso, a proximidade de centros de educação e por ser um centro econômico e comercial consolidado da cidade, devido a alta concentração de shoppings centers e edifícios de serviço.

LOTE

2. LOCALIZAÇÃO

O lote escolhido está localizado na confluência entre a Av. Djalma Batista e a Rua Ingrid Bergman, via local que conecta a Av. Djalma Batista com a Av. Constantino Nery, ambos eixos urbanos muito relevantes da cidade.



Imagem 21: Localização do lote. Fonte: acervo da autora, 2021

LOTE

3.2. ESPAÇOS ABERTOS

Observando a presença de espaços livres em volta do lote em que o objeto será inserido, percebe-se que, em sua maioria, estes são estacionamentos, lotes não ocupados ou áreas de preservação, todos sem caráter de apropriação pública pelos usuários. Tal fato revela a necessidade que a área de intervenção possui de ter um espaço público de qualidade, que possa ser utilizado pela comunidade em geral e que permita a vivência urbana com segurança.



Imagem 23: Mapa de espaços livres. Fonte: acervo da autora, 2021

LOTE

3.3. SISTEMA VIÁRIO

Observando a presença de espaços livres em volta do lote em que o objeto será inserido, percebe-se que, em sua maioria, estes são estacionamentos, lotes não ocupados ou áreas de preservação, todos sem caráter de apropriação pública pelos usuários. Tal fato revela a necessidade que a área de intervenção possui de ter um espaço público de qualidade, que possa ser utilizado pela comunidade em geral e que permita a vivência urbana com segurança.

Segundo o Código de Trânsito Brasileiro (lei nº 9503/1997) as vias urbanas podem ser classificadas de acordo com a sua função urbana em três categorias. São elas:

1. Via arterial: aquela caracterizada por intersecções em nível, geralmente controlada por semáforo, com acessibilidade aos lotes lindeiros e às vias secundárias e locais, possibilitando o trânsito entre as regiões da cidade.

2. Via coletora: aquela destinada a distribuir o trânsito que tenha necessidade de entrar ou sair das vias arteriais, possibilitando o trânsito dentro das regiões da cidade.

3. Via local: aquela caracterizada por intersecções em nível não semaforizadas, destinada apenas ao acesso local.

Porém, a cidade de Manaus apresenta estrutura viária que não atende aos padrões morfológicos definidos pelo CTB. A fim de propor uma estrutura viária de acordo com a realidade local, o PlanMob-Manaus analisa e classifica o sistema viário do município em três níveis funcionais:

LOTE

1. Nível viário local: responsável pela capilaridade do sistema
2. Sistema viário principal: combina as funções definidas no Código de Trânsito Brasileiro para vias arteriais e coletoras.
3. Sistema viário estrutural: constituído pelas vias que, dentro do sistema viário principal, apresentam maior intensidade de uso devido a suas condições geométricas e de localização, exercendo função estrutural na malha.

Para a análise do lote estudado, foi considerada a definição do Plano de Mobilidade de Manaus (2015) e acrescido a categoria “vias privadas”, a fim de diferenciar as ruas que atendem apenas aos condomínios privativos ou estabelecimentos comerciais existentes na área.



Imagem 24: Mapa de Sistema Viário. Fonte: acervo da autora, 2021

LOTE

3.4. MOBILIDADE URBANA

O lote e seu entorno são bem atendidos pelo sistema de transporte público, possuindo quatro paradas de ônibus ao seu redor. Além disso, a Av. Constantino Nery possui diversas plataformas de embarque e desembarque em sua extensão, assim como o Terminal de Passageiros 1, o que intensifica as rotas de ônibus que trafegam na área.

Devido ao tráfego intenso de veículos nos eixos viários, faz-se necessária a existência de passarelas urbanas para que os pedestres consigam realizar a travessia em segurança. No trecho analisado, percebe-se que elas estão localizadas na Av. Darcy Vargas e na Av. Djalma Batista, sendo uma ao lado do lote onde será implantada a proposta.



LOTE

3.5. USOS

Como descrito anteriormente, o entorno do lote é marcado por centros comerciais, shoppings centers e edifícios educacionais, o que foi confirmado com a análise mais detalhada do uso das edificações da área. Além disso, percebe-se a existência de diversos condomínios privativos residenciais e conjuntos habitacionais.

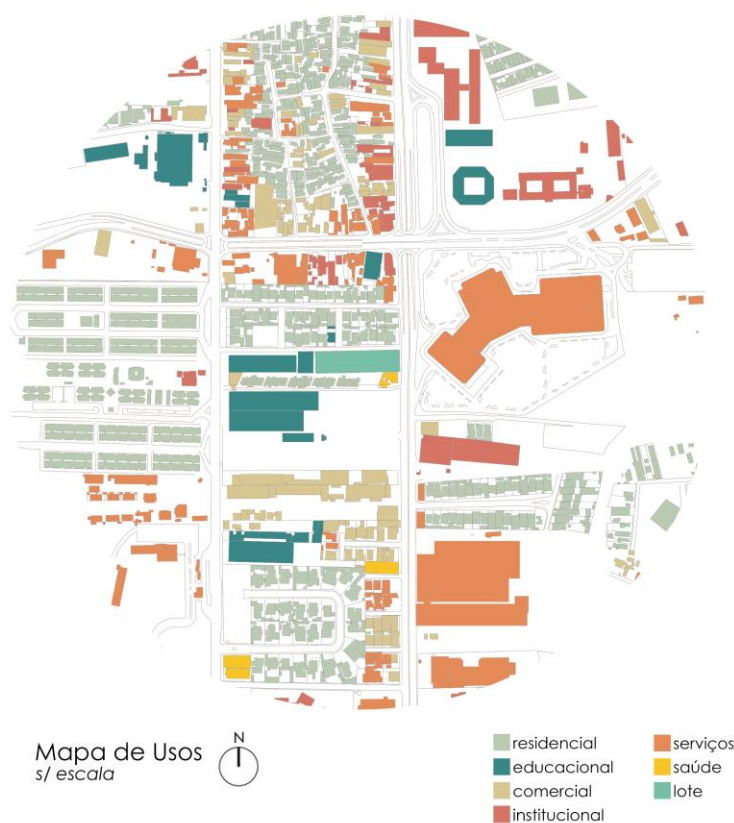


Imagem 26: Mapa de Usos. Fonte: acervo da autora, 2021

LOTE

3.6. GABARITOS

Apesar de localizado no corredor urbano Norte-Sul, Segmento Sul, onde, segundo o Plano Diretor da cidade de Manaus (2014) podem ser construídos edifícios com até 25 pavimentos, a paisagem do entorno imediato do lote não é marcada por edificações com gabaritos muito altos, estando a sua maioria entre dois e três pavimentos.

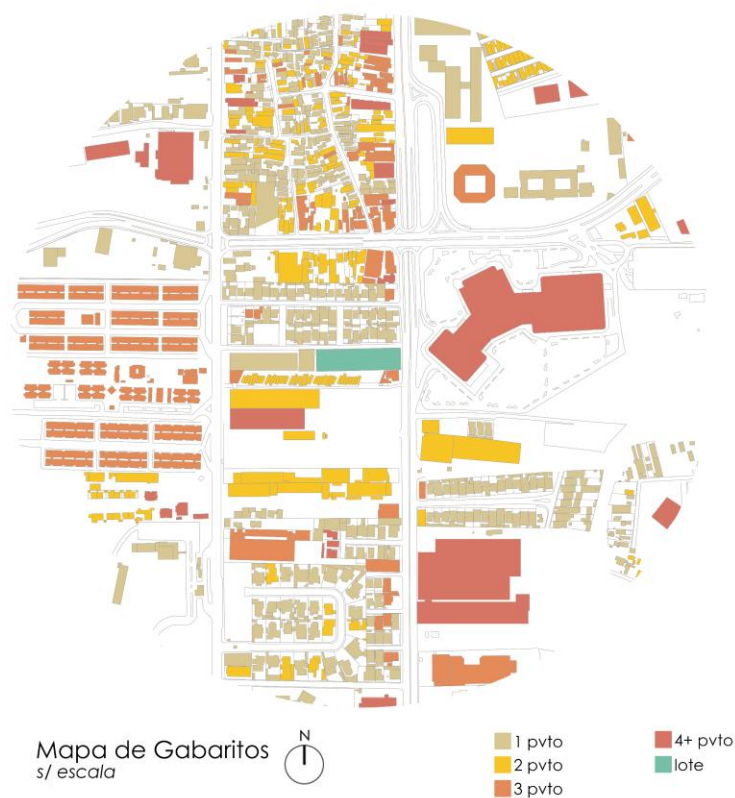


Imagem 27: Mapa de Gabaritos. Fonte: acervo da autora, 2021

LOTE

4. LOTE E ENTORNO

Tal escolha se deu pela proximidade do lote à centros comerciais importantes, como os shoppings centers Manaus Plaza Shopping, Amazonas Shopping e Millenium Shopping, e à faculdades, tais como a FAMETRO, a Uniasselvi e a Universidade Estadual do Amazonas, assim como do SIDIA, instituto de pesquisa, desenvolvimento e tecnologia.

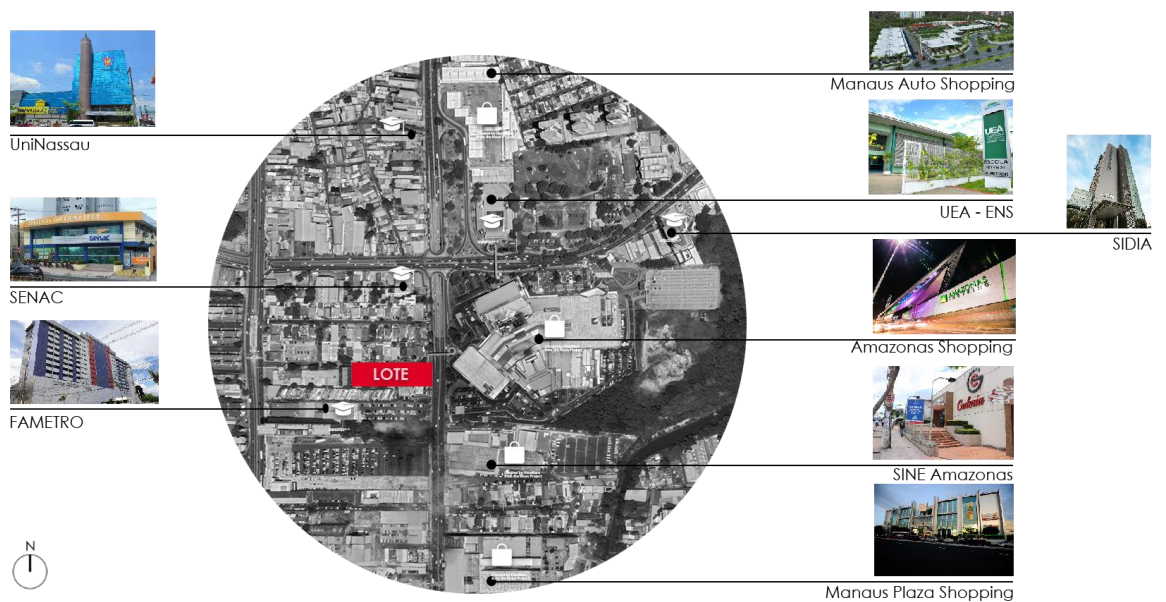


Imagem 28: Mapa de visão serial. Fonte: acervo da autora, 2021

LOTE

Além da potencialidade dos usos do entorno que o lote possui, é importante destacar as oportunidades existentes de transformar o que hoje é um vazio urbano da cidade em um espaço público repleto de vivacidade e apropriação pela comunidade.

Por se localizar na confluência entre a Av. Djalma Batista e a Av. Constantino Nery, eixos urbanos já marcados pela atividade peatana, próximo ao lote também está localizada a passarela de pedestres que atravessa a Av. Djalma Batista e conecta ao Amazonas Shopping, elemento marcante na paisagem da área e passível de revitalização para aumentar a conectividade dos espaços.



Imagem 29: Fachada oeste do lote, a partir da Av. Djalma Batista. Fonte: Google Street View, 2021

LOTE



Imagem 30 e 31: Fachada oeste do lote, a partir da Av. Djalma Batista. Fonte: Google Street View, 2021



Imagem 32 e 33: Fachada norte do lote, a partir da Rua Ingrid Bergman. Fonte: Google Street View, 2021



Imagem 34: Ponto de confluência do lote, passarela e Av. Djalma Batista, a partir da Rua Ingrid Bergman. Fonte: Google Street View, 2021

LOTE

4.1. ANÁLISE TIPOLOGICA - ESCRITÓRIOS

Devido ao lote estar localizado em um eixo viário essencial para a cidade de Manaus, seus edifícios fazem parte da memória urbana dos transeuntes e dão vida à paisagem urbana manauara. Por isso, é importante estudar as tipologias arquitetônicas presentes em seu entorno para traçar um perfil do que já existe na área e como poderá ser proposta uma arquitetura nova, de qualidade, mas que ainda converse com as edificações já existentes na área.

Inicialmente, é importante levantar quais edifícios abrigam atividades semelhantes às que existem no programa de necessidades proposto, ou sejam edifícios de escritórios ou similares. Foram mapeados quatro exemplares no entorno imediato do lote, sendo eles o Sidia Amazon Tower, o Atlantic Tower, o Empire Center e o Samsung Ocean, que serão analisados individualmente analisando critérios arquitetônicos, tipológicos e de inserção na malha urbana.

LOTE



Imagem 35: Mapa de localização dos edifícios analisados. Fonte: acervo da autora, 2021

1. Sidia Amazon Tower

Localizado na Av. Darcy Vargas, ao lado do Amazonas Shopping, o Sidia pode ser caracterizado como um centro de pesquisa, desenvolvimento e inovação, responsável por implementar soluções digitais e inovadoras para o mercado local e global, como o desenvolvimento de softwares e criação de jogos, por exemplo.

LOTE

Ao observarmos as características arquitetônicas do edifício, é importante ressaltar que o empreendimento ocupa um edifício que foi construído inicialmente para ser um hotel, portanto, houve uma adaptação de infraestrutura para compatibilizar o programa de necessidades da nova atividade. A torre é verticalizada, sendo um dos exemplares mais altos do entorno, e possui sua fachada marcada com peles de vidro, elemento muito associado à modernidade e tecnologia na arquitetura.

Em quesitos urbanos, o edifício é implantado recuado da calçada, resultando em um embarque e desembarque protegido por uma marquise. Devido ao acesso ser privado à apenas os funcionários da empresa, há um controle de acesso, porém percebe-se a utilização de um muro com vidro que gera transparência entre o meio interno e externo, com uma tímida presença de paisagismo e uma calçada confortável que atende os critérios de acessibilidade.

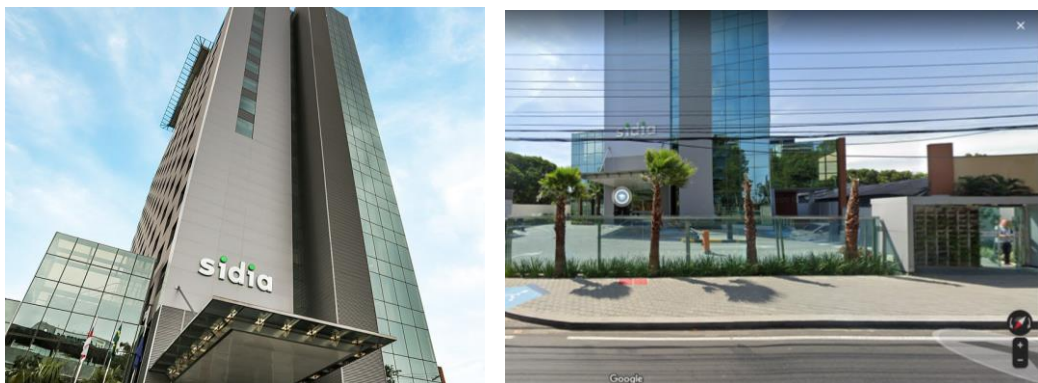


Imagem 36: Sidia Amazon Tower. Fonte: Google Maps, 2021

LOTE

2. Atlantic Tower

Localizado na Av. Djalma Batista, ao lado do Millenium Shopping, o Atlantic Tower é um prédio comercial para aluguel de salas e possui, dentre outras atividades, escritórios e consultórios médicos em seu interior. Por possuir diversas funções e atender aos mais diversos públicos, seu acesso pode ser caracterizado como semipúblico, pois, apesar do controle de usuários, existe uma liberdade de acesso maior que prédios que atendem a uma única empresa, por exemplo.

Ao observarmos suas características arquitetônicas, nota-se que é um edifício verticalizado, sendo um dos mais altos do entorno. Possui o uso excessivo de vidro reflexivo em suas fachadas, o que demonstra uma certa desconsideração dos aspectos climáticos da região no qual está inserido. Seu acesso é confuso e não convidativo, possuindo um destaque para a entrada de veículos e não para pedestres, o que, aliado com a escala da construção, desumaniza e não gera acessibilidade.

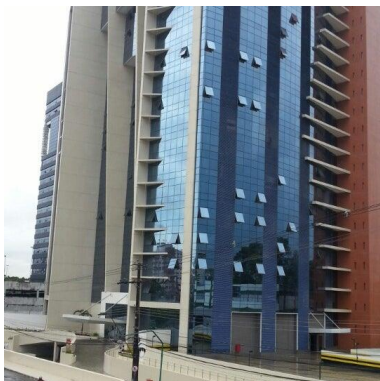


Imagem 37: Atlantic Tower. Fonte: Google Maps, 2021

LOTE

3. Empire Center

O edifício está localizado na Av. Constantino Nery, próximo ao hospital HEMOAM. Pode ser caracterizado como um prédio comercial para aluguel de salas e, assim como o exemplar descrito anteriormente, possui um acesso semipúblico. É uma torre verticalizada baixa, possuindo 12 pavimentos. Possui pouco uso de vidro nas fachadas, com a predominância de pastilhas cerâmicas coloridas, o que pode ser associado à época no qual foi construído e as tendências arquitetônicas vigentes em anos anteriores.

Ao observarmos as características de implantação, percebe-se que o acesso foi locado na esquina, visando atender as duas ruas no qual o edifício está inserido. Além disso, nota-se uma tentativa de criar um espaço urbano na entrada com o uso de paisagismo e mobiliário urbano, tal como uma praça. Porém, o acesso é gradeado e torna-se restrito a quem irá utilizar o edifício, restringindo o potencial urbano que o espaço possui.



Imagem 38: Empire Center. Fonte: Google Maps, 2021

LOTE

4. Samsung Ocean

Diferente dos exemplares anteriores, o Samsung Ocean está localizado dentro da Escola de Tecnologia da Universidade Estadual do Amazonas – UEA, na Av. Darcy Vargas. O empreendimento pode ser caracterizado como um centro de capacitação tecnológica e como uma aceleradora de startups, por isso, seu acesso é restrito a quem irá participar de alguma atividade dentro do espaço.

Ao observarmos as características arquitetônicas do edifício, percebe-se que é uma construção horizontalizada, distoando dos exemplares analisados anteriormente. Além disso, não possui grandes aberturas para o meio externo, se fechando em si mesmo e não possuindo uma característica de acessibilidade pelo público geral. Sua fachada possui um revestimento amadeirado, o que gera a sensação de uma arquitetura mais alinhada com a região na qual o edifício está inserido.



Imagem 39: Samsung Ocean. Fonte: Google Maps, 2021

LOTE

Por fim, conclui-se que os edifícios de escritórios existentes no entorno imediato do lote não possuem caráter arquitetônico ou características que minimamente representem a região na qual estão inseridos, seja ao analisarmos os materiais utilizados ou estratégias bioclimáticas, apenas replicando a arquitetura corporativa e comercial em seu máximo.

Além disso, nenhum dos exemplares analisados estão integrados com o meio urbano, apesar de algumas tímidas tentativas. Eles estão fechados em si mesmo e não são convidativos ao público externo, não transmitindo acessibilidade.

4.2. PAISAGEM URBANA DO ENTORNO

Além de analisarmos especificamente as tipologias similares da proposta, é importante mapear as características arquitetônicas e urbanísticas do entorno do lote para balizar o que será projetado.

Após análise *in loco* e através do Google Street View, pode-se perceber que o entorno é marcado por uma arquitetura sem identidade própria, que replica lugares comuns e não possui caráter artístico, com linhas muito ortogonais e volumetrias básicas que formam edifícios horizontalizados e alguns poucos exemplares verticalizados distribuídos de maneira não uniforme. Além disso, observa-se que as edificações são antigas, datadas dos anos 80, 90 e 2000, sem transmitir modernidade ou tecnologia, ou se porventura forem edifícios mais atuais, o uso excessivo de vidro é o elemento mais utilizado para transmitir tais ideias.

LOTE

No quesito urbano, os espaços vazios não são “ocupáveis”, pois, em sua maioria, são apenas gramados sem cobertura ou estacionamentos, sem nenhum tipo de mobiliário urbano ou qualidade projetual que possa ser atrativo para os pedestres apropriarem. Por fim, é válido ressaltar a falta de arborização pública, problema recorrente em toda a cidade de Manaus.



Imagem 40: Paisagem urbana – Av. Djalma Batista e Av. Constantino Nery. Fonte: Google Street View, 2021

LOTE

5. LEGISLAÇÃO

O lote está localizado no Bairro Chapada (setor 13), sob influência do **Corredor Urbano Norte-Sul**, segmento Sul, que ditará a legislação Vigente no lote. Segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo de Manaus, tal segmento é caracterizado pela “predominância de usos comercial e de serviços, de expansão da área central, com estímulo às atividades não geradores de tráfego.”

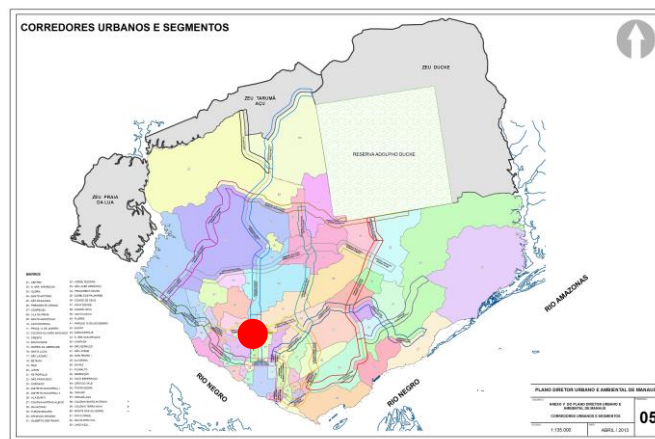


Imagem 41: Anexo V – Corredores Urbanos e Segmentos. Fonte: Plano Diretor de Manaus, 2014

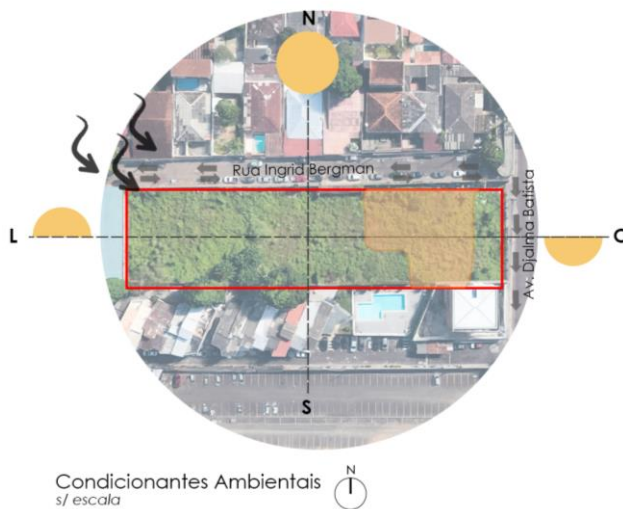
Na Lei de Uso e Ocupação do Solo, não há um enquadramento de atividades específico para a tipologia coworking, portanto o objeto estará enquadrado nas atividades **galeria comercial** (tipo 3) e **serviços combinados de escritório e apoio administrativo** (tipo 1) que mais se assemelham ao programa de necessidades do projeto. Ambos são atividades de serviço.

LOTE

Bairro	Chapada
Corredor Urbano	Norte-Sul, Segmento Sul
Densidade	Alta
Verticalização/Ocupação	Alta
Gabarito Máximo	25 pvtos.
C.A.M.T	5,0
C.A.B.T	2,0
Afastamentos	Mínimo frontal: 5,0m Mínimo lateral: 1,5m
Estacionamento	1 vaga/75m ² de área útil Mínimo: 01 vaga

Tabela 01: Resumo da legislação aplicada no lote. Fonte: acervo da autora, 2021

6. CONDICIONANTES AMBIENTAIS



Como pode ser visto no diagrama ao lado, as fachadas principais do edifício estão orientadas à Norte e Oeste, exigindo estratégias bioclimáticas para proteção da incidência solar direta.

Imagem 42: Condicionantes ambientais. Fonte: acervo da autora, 2021

4. PROJETO

PROJETO

1. DIRETRIZES PROJETUAIS

Após a pesquisa conceitual e entendimento do entorno do lote escolhido, foram definidas as diretrizes projetuais que guiarão o desenvolvimento da proposta projetual:

1. Integração entre usuários do edifício com a rua/cidade, sendo o objeto uma extensão do espaço público através de equipamentos e amenidades urbanas que possam ser apropriados pelo público, aliados também com uma volumetria acolhedora;
2. Gerar um espaço de trabalho saudável, alinhado com as necessidades do usuário e priorizando seu bem-estar através da escolha das cores, materiais, priorização da ergonomia e de mobiliário que promova qualidade espacial, não esquecendo dos princípios do conforto térmico, acústico e lumínico. Fazer uso também de conceitos como a biofilia e a flexibilidade para possibilitar espaços de qualidade;
3. Estimular conexões entre os usuários através de espaços compartilhados, um interior convidativo e acolhedor.

PROJETO

2. PROGRAMA DE NECESSIDADES

A fim de entender a dinâmica do espaço projetado e iniciar a concepção espacial, foi elaborado um programa de necessidades com os ambientes necessários para o funcionamento do objeto.

Metodologicamente, foram estabelecidos seis setores que contemplam todas as atividades que serão desenvolvidas no edifício e suas atividades complementares. São eles:

1. Coworking: concentra os espaços de trabalho, espaço compartilhado, salas privativas e salas de reunião;
2. Comunidade: concentra os espaços de convivência e a galeria comercial, aberta ao público;
3. Capacitação: composto pelas salas de aula flexíveis;;
4. Administrativo/Serviços: concentra ambientes reservados para a administração e manutenção do edifício, assim como espaços para depósito de objetos;
5. Infraestrutura: concentra as os elementos necessários para funcionamento do edifício, como subestação, geradores e reservatórios.
6. Estacionamento: pré-dimensionado de acordo com a legislação vigente, concentra as vagas para o público geral e funcionários.

PROJETO

SETOR	AMBIENTE	DESCRIÇÃO	ÁREA (m²)	QNTD.	ÁREA ESTIMADA (m²)
Coworking	Sala de Reuniões A	08 pessoas	16	10	160
	Sala de Reuniões B	16 pessoas	25	2	50
	Salas Privativas 01	Salas de usuários fixos - 04 a 06 pessoas	25	6	150
	Salas Privativas 02	Salas de usuários fixos - 15 pessoas	64	2	128
	Espaço de trabalho compartilhado	Área de trabalho individual, podendo ser rotativo ou fixo. Foi calculado a área necessária para cada estação	4,65	150	697,5
	Sanitários	01 masc. / 01 fem. 07 cabines, sendo uma para PCD	32	2	64
TOTAL					1249,5

De acordo com os dados coletados no Censo Coworking 2019 apresentados anteriormente e nos dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Trabalho, Empreendedorismo e Inovação (SEMTEPI) que mostram que a procura semanal do Casarão de Inovação Cassina, que possui programa similar ao proposto, é de 20 pessoas, estimou-se que a circulação mensal de usuários para uso do espaço compartilhado de trabalho será de 100 pessoas, visto o potencial da área e a tendência do aumento do regime de trabalho híbrido.

SETOR	AMBIENTE	DESCRIÇÃO	ÁREA (m²)	QNTD.	ÁREA ESTIMADA (m²)
Comunidade	Espaço de Convivência	Área de convivência entre coworkers e usuários do objeto	250	3	750
	Copa compartilhada	Para os coworkers	18	2	36
	Café	Acesso público	130	1	130
	Salas Comerciais		130	3	390
	Auditório	Capacidade máxima: 150 pessoas	400	1	400
	Foyer		600	1	600
	Sanitários	01 masc. / 01 fem. 07 cabines, sendo uma para PCD	32	2	64
TOTAL					2370

SETOR	AMBIENTE	DESCRIÇÃO	ÁREA (m²)	QNTD.	ÁREA ESTIMADA (m²)
Capacitação	Sala de Aula	Layout flexível com divisórias retráteis para unir os ambientes	72	6	432
	TOTAL				

PROJETO

SETOR	AMBIENTE	DESCRIÇÃO	ÁREA (m²)	QNTD.	ÁREA ESTIMADA (m²)
Administrativo/Serviços	Vestibário Funcionários	01 masc./01 fem. 06 cabines, sendo 03 de sanitários e 03 de ducha	18	2	36
	Administração/Controle	Sala administrativa para 12 funcionários	42	1	42
	Gerência	Sala administrativa para 01 funcionário	12	1	12
	Sala de Reunião	Sala de reunião para 08 pessoas	12	1	12
	Copa Funcionários	Bancada, pia, geladeira, microondas, bancada de alimentação. Acesso exclusivo funcionários	15	1	15
	Depósito	Armazenamento de material em geral	30	1	30
	DML	Armazenamento de material de limpeza. Prever em cada pavimento.	2	5	10
	CPD	Localização do servidor de informática	2	5	10
TOTAL					167

SETOR	AMBIENTE	DESCRIÇÃO	ÁREA (m²)	QNTD.	ÁREA ESTIMADA (m²)
Infraestrutura	Subestação		45	1	45
	Geradores		45	1	45
	Reservatório	Reserva de Incêndio (30.000L) e Consumo diário		1	
	ETE		15	1	
	Depósito de Lixo		20	1	20
TOTAL					110

SETOR	Condição	TIPO DE VAGA	QNTD.	ÁREA (m²)	ÁREA ESTIMADA (m²)
Estacionamento	Segundo o Plano Diretor de Manaus, usos de serviços exigem 1 vaga/75 m² de área útil e 5% destinada à funcionários. Exige-se que 3% das vagas sejam destinadas a PNE, 5% para idosos e 10% para motos.	Comuns	58	12,5	726,5
		Funcionários	3	38	113
		Motos	6	2	12
		PNE	3	18,75	56,25
		Idosos	3	18,75	56,25
TOTAL					963,51

Apesar da legislação vigente exigir mais de 60 vagas de estacionamento devido à área útil do projeto, propõe-se a discussão de que essa quantidade de vagas não é necessária, visto que propõe-se o incentivo à utilização de outros meios de transporte e, principalmente, a apropriação peatonal do objeto.

PROJETO

Cálculo da área útil do projeto:

Setor	Área	Circulação	Área Estimada
Coworking	1249,5	374,85	1624,35
Comunidade	2370	711	3081
Capacitação	432	129,6	561,6
Administrativo/Serviços	167	50,1	217,1
TOTAL			5484,05

Cálculo da área total estimada do projeto, incluído estimativas de circulação:

Setor	Área	Circulação	Área Estimada
Coworking	1249,5	374,85	1624,35
Comunidade	2370	711	3081
Capacitação	432	129,6	561,6
Administrativo/Serviços	167	50,1	217,1
Infraestrutura	110	33	143
Estacionamento	963,51	289,05	1252,56
TOTAL			6879,61

Tabela 02: Programa de necessidades. Fonte: acervo da autora, 2021

PROJETO

3. FLUXOGRAMA

A fim de entender os fluxos que se darão dentro do objeto, foi traçado um fluxograma que diferencia os tipos de acesso e os tipos de fluxo, de acordo com a gradação de público-privado.

De acordo com o conceito proposto para o projeto, o acesso principal do edifício se dará pelo elemento público central (a praça) que se distribuirá para os blocos do edifício, que também possuirá espaços centrais de uso comum que poderão ser apropriados de formas diversas e distribuirão os fluxos dentro do edifício, tais como o foyer e os espaços de convivência.

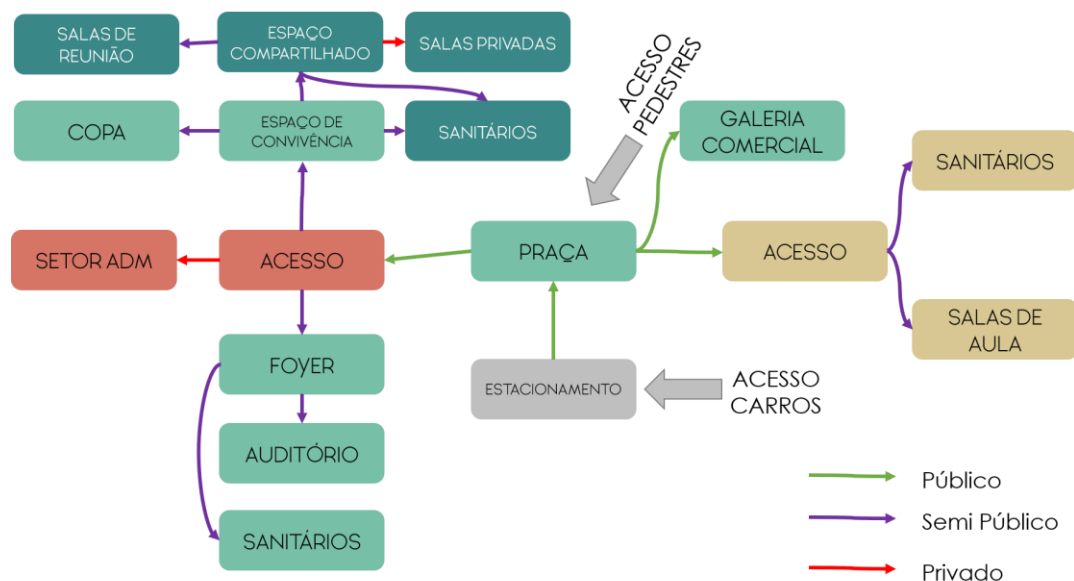


Gráfico 06: Fluxograma. Fonte: acervo da autora, 2021

PROJETO

4. PLANO DE MANCHAS

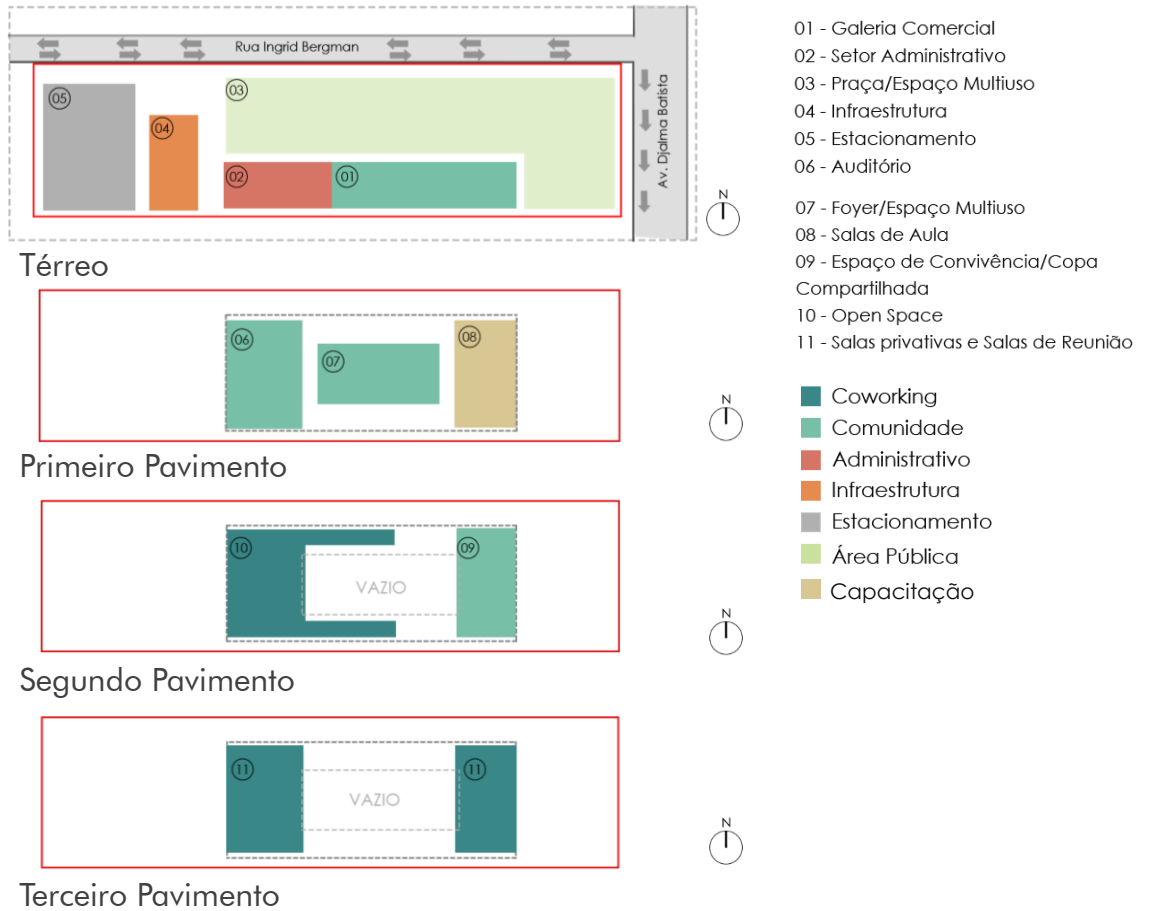
Iniciando a concepção volumétrica do projeto, realizou-se um estudo de manchas a fim de distribuir esquematicamente o programa de necessidades setorizado no lote. Dessa forma, gerou-se uma prévia de implantação que será desenvolvida posteriormente.

Optou-se por concentrar a galeria comercial (setor comunidade) no térreo do lote, visto que este será um atrativo para incentivar a entrada de pedestres no lote em um primeiro momento. Da mesma forma, locou-se o setor administrativo, setor de infraestrutura e estacionamento no mesmo nível a fim de facilitar o uso e gerar um controle de acesso aos pavimentos superiores.

No primeiro pavimento, concentrou-se setores semipúblicos que, apesar de abertos à comunidade, já necessitam de um maior controle de acesso. São eles o setor de capacitação, com as salas de aula e o setor de comunidade com o auditório e o foyer, que também funcionará como eixo central e direcionador para os outros ambientes.

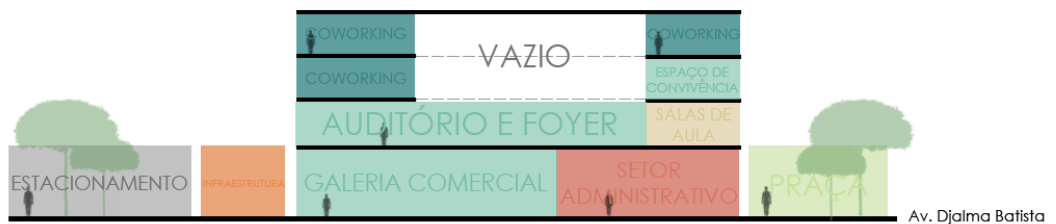
Por fim, no segundo e terceiro pavimento concentrou-se o setor de coworking e a última parte do setor de comunidade, restrito aos espaços de convivência dos coworkers, devido ao caráter mais privativo dessa porção do programa de necessidades. A fim de gerar mais dinamicidade formal e proporcionar uma conexão visual entre os pavimentos, propõe-se um vazio central entre os níveis.

PROJETO



Plano de Manchas

Imagem 43: Plano de manchas. Fonte: acervo da autora, 2021



Corte Esquemático

Imagem 44: Plano de manchas em corte esquemático. Fonte: acervo da autora, 2021

PROJETO

5. IMPLANTAÇÃO

Formalizando o que foi gerado no plano de manchas, a implantação do objeto se deu na porção sudoeste do lote, a fim de deixar o acesso da Rua Ingrid Bergman e da Av. Djalma Batista livres para serem apropriados pelos usuários. O espaço resultante da configuração do edifício se tornará uma grande praça caminhável, que estenderá sua pavimentação onde hoje está a Rua Ingrid Bergman, tornando essa área uma rua para pedestres. Tal decisão projetual busca intensificar o caráter urbano do espaço e se tornar ainda mais convidativo para o transeunte se apropriar da área pública e optar por caminhar a pé do que por meio de veículos privados.

O estacionamento e o setor de infraestrutura foram locados na porção leste do terreno que, apesar de possuir a orientação solar mais favorável, se torna a parte menos interessante do lote devido à distância dos acessos principais e à proximidade à edificações vizinhas que enclausuram o objeto.

O lote possui topografia acidentada e um desnível de 1,80m em relação à Av. Djalma Batista, com sua cota máxima próxima ao centro do terreno, que está à 2,20m acima da avenida. Para a inserção do objeto no lote, propõe-se o nivelamento da praça e do edifício na cota de 2,00m acima da Av. Djalma Batista e o nivelamento do estacionamento na cota de 1,00m, alinhado à Rua Ingrid Bergman e, para vencer tal desnível propõe-se uma escadaria com dois tipos de

PROJETO

degraus: um com piso mais estreitos e outro com pisos mais largos, que permitem um caminhar mais rápido ou mais devagar, dependendo do usuário. Além disso, a diferenciação dos tipos de degraus gera um desenho diferente, dinâmico e atrativo para o pedestre. Aliado a isso, a rampa já existente que dá acesso à passarela urbana possui um lance que conecta a Av. Djalma Batista com a Rua Ingrid Bergman e será mantida e transformada no acesso rampeado para o lote.

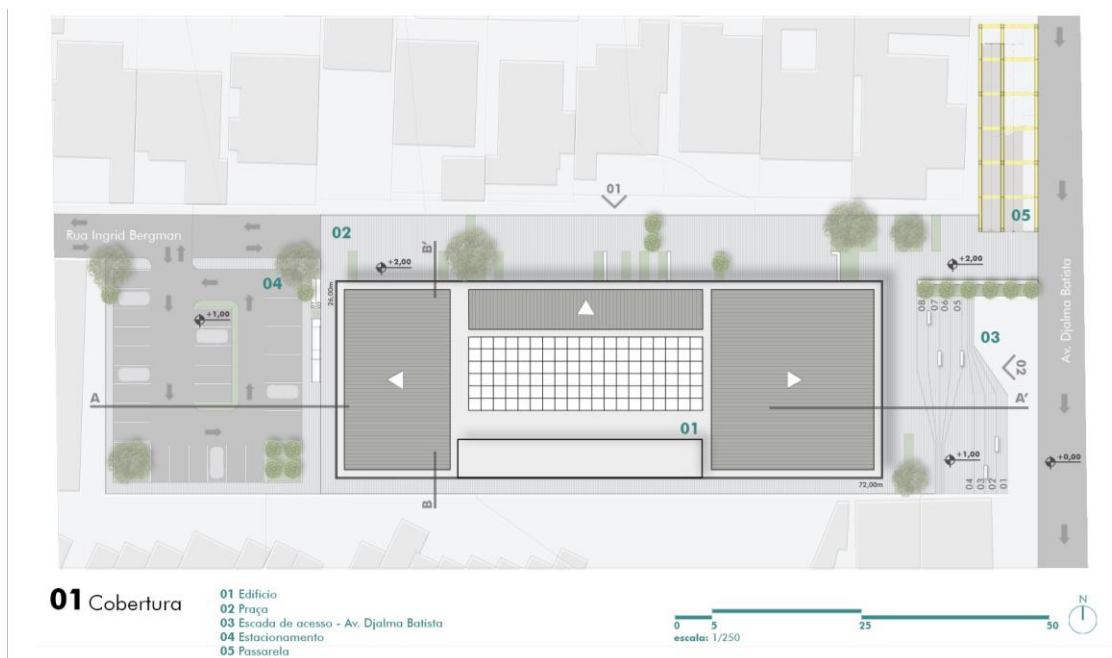


Imagem 45: Planta de Cobertura. Fonte: acervo da autora, 2021

PROJETO



Imagem 46: Implantação. Fonte: acervo da autora, 2021

Por fim, propõe-se que a rampa que dá acesso à passarela seja remodelada para transformar a paisagem urbana do entorno e se tornar um elemento que conversa com o edifício que será proposto. Para atingir tal objetivo, buscou-se alterar a estrutura de apoio da rampa por algo que transmita leveza e gere permeabilidade entre os níveis, principalmente entre a grande praça que a Rua Ingrid Bergman se tornará e a Av. Djalma Batista. É proposta uma estrutura metálica com pilares inclinados que formam um “V” e vigas que intertravam essa mega estrutura e apoiam a rampa. Tais pilares se estendem até a guia da Av. Djalma Batista, gerando uma espécie de “cobertura pergolada” para a calçada e enfatizando a necessidade do uso da passarela aérea para travessia de pedestres. A calçada não será impactada, pois a altura da estrutura permite que os transeuntes andem tranquilamente por baixo dos elementos metálicos. A intersecção entre a rampa e o lote propriamente dito se dará por um patamar que se estende até a guia da calçada, alinhado à estrutura e que cria uma espécie de “mirante” e cobertura para a calçada, proporcionando sombreamento e intensificando a conexão visual entre a Av. Djalma Batista e o espaço público.

PROJETO

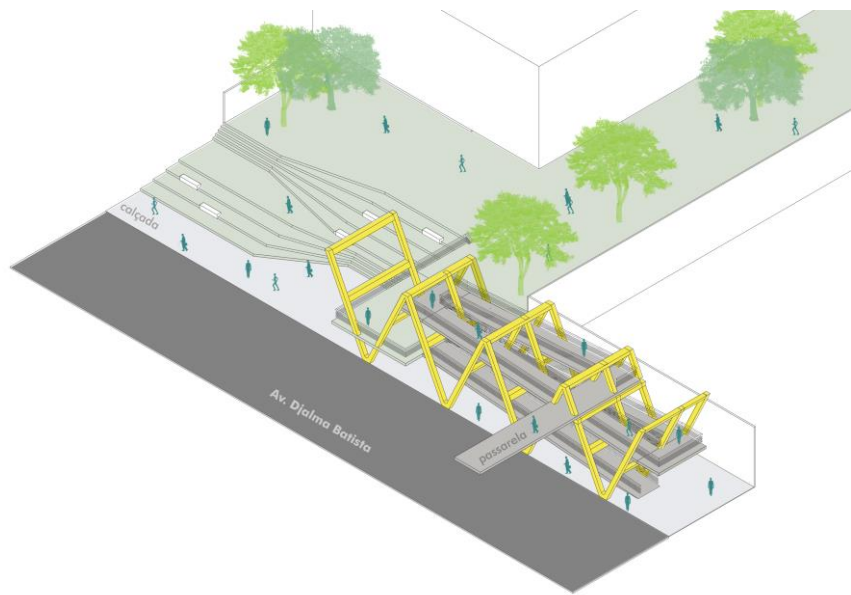


Imagem 47: Visão aérea entrada do lote e rampa. Fonte: acervo da autora, 2021

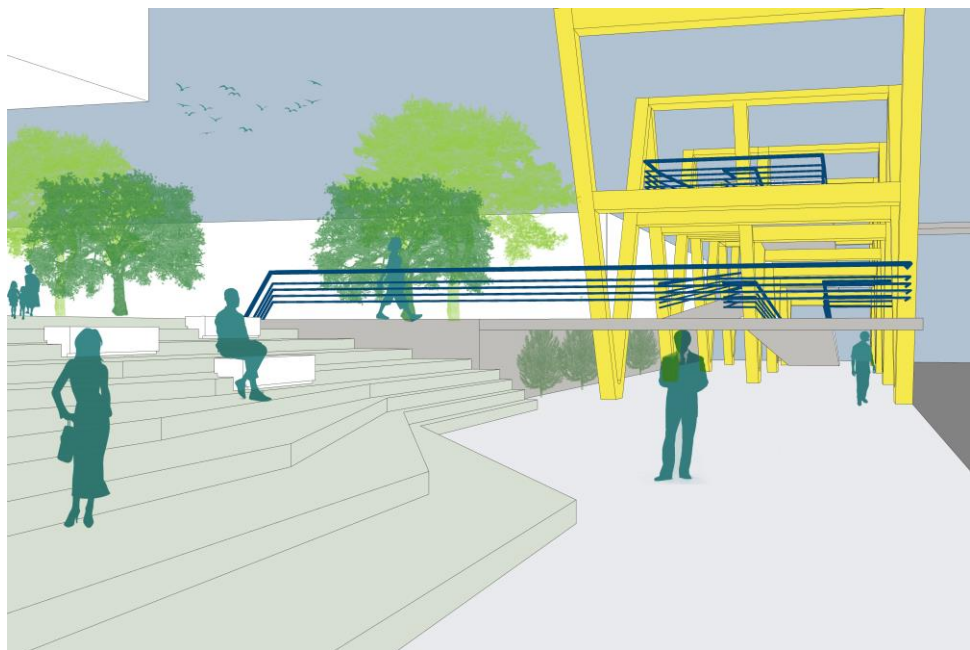


Imagem 48: Visão da calçada Av. Djalma Batista. Fonte: acervo da autora, 2021

PROJETO

6. VOLUMETRIA

A concepção volumétrica do objeto se deu de forma a priorizar formas ortogonais e retilíneas, que dão continuidade na paisagem do entorno e são de fácil apreensão pelos usuários do espaço.

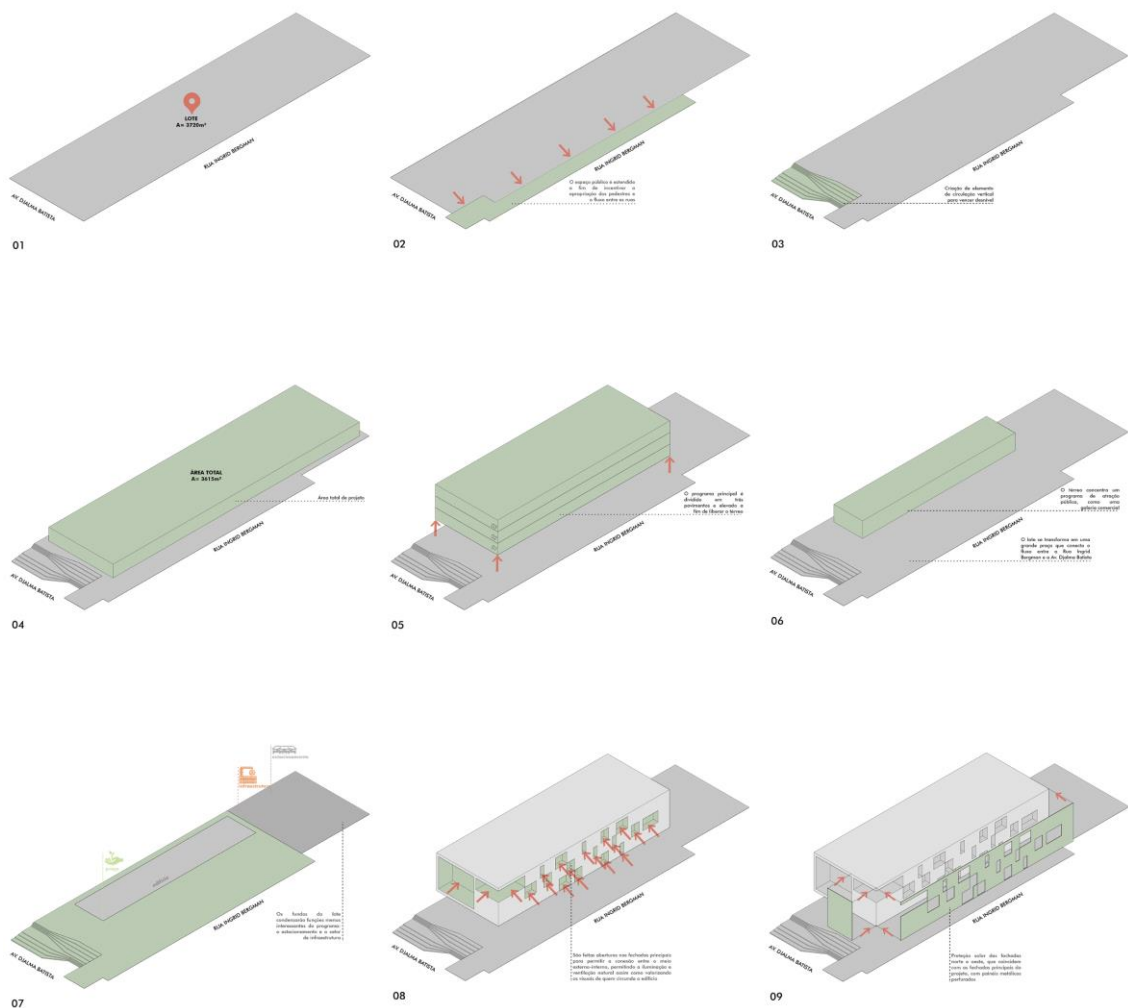


Imagem 49: Evolução formal esquemática. Fonte: acervo da autora, 2021

PROJETO

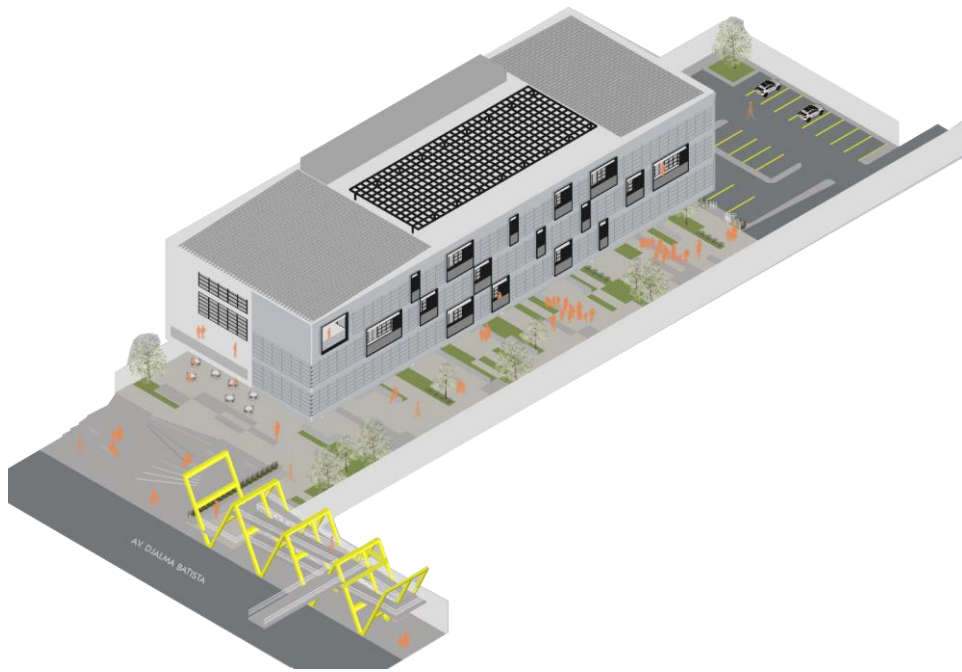


Imagem 50: Perspectiva isométrica esquemática. Fonte: acervo da autora, 2021

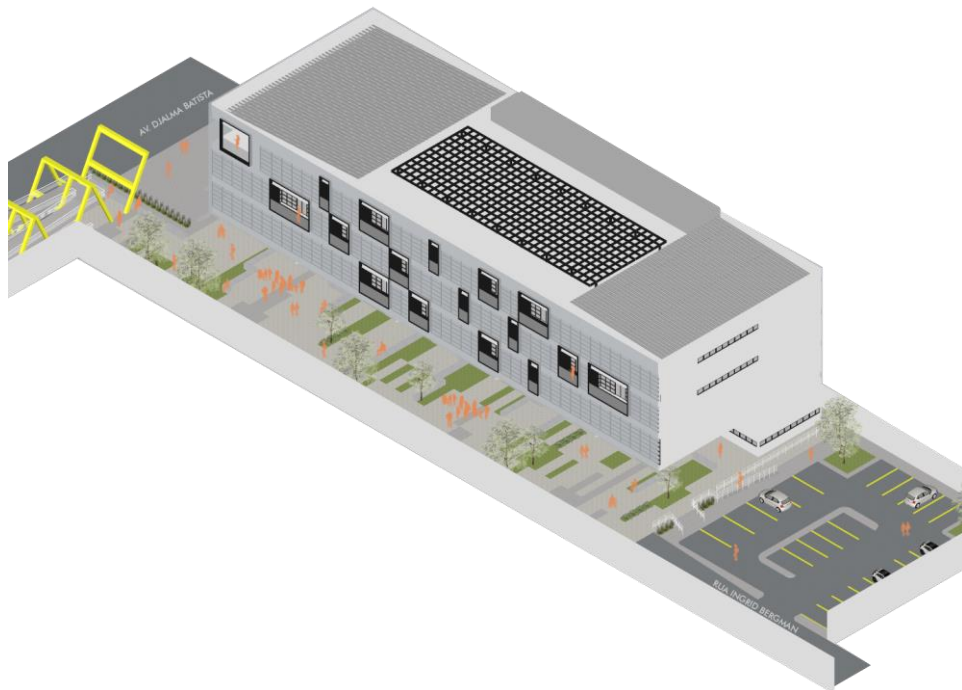


Imagem 51: Perspectiva isométrica esquemática. Fonte: acervo da autora, 2021

PROJETO

7. ESTRUTURA

O sistema estrutural proposto para o edifício consiste em uma estrutura mista composta por pilares e vigas metálicos em perfil I e lajes alveolares protendidas e pré-moldadas em concreto, associadas com pilotis em concreto com seção redonda. Tal escolha se deu devido a priorização de um sistema estrutural leve, de rápida execução e que pudesse suportar os grandes vãos exigidos pelo programa de necessidades da proposta. Tais elementos estão distribuídos em uma malha de 10m x 8m, com exceção da porção reservada para o auditório, que possui modulação de 10m x 16m e das fachadas oeste e norte que possuem lajes em balanço de 2m e 6m, respectivamente, a fim de enaltecer o aspecto de leveza buscado no decorrer do desenvolvimento da proposta projetual.

A cobertura é composta por treliças metálicas e telhas termoacústicas em poliuretano com caimento único. Além disso, é proposto a implantação de caixilhos envidraçados com brises na cobertura acima do átrio, elemento central da organização do layout do projeto, a fim de permitir a entrada de iluminação e ventilação natural no edifício, priorizando aspectos de conforto ambiental e biofilia, que diversos estudos apontam como aspectos essenciais para promover espaços de trabalho saudáveis. Na cobertura também estarão locados os reservatórios e o maquinário dos elevadores, posicionados acima da prumada de ventilação e banheiros, e o sistema de refrigeração de ar do tipo *Fan e Coil*.

PROJETO

Os elementos estruturais se manterão aparentes no edifício e nas fachadas, valorizando a racionalidade estrutural e a materialidade dos mesmos.

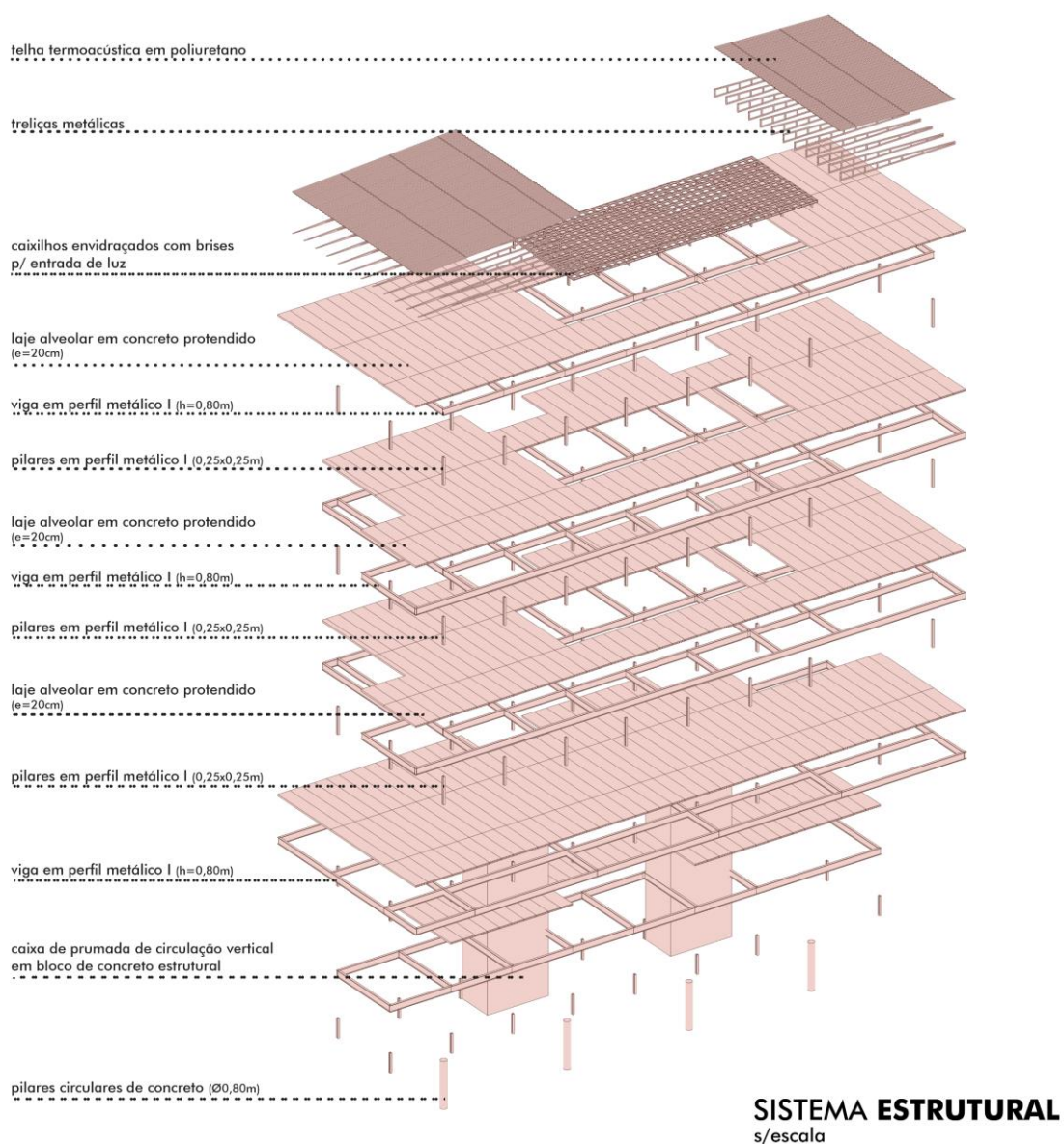
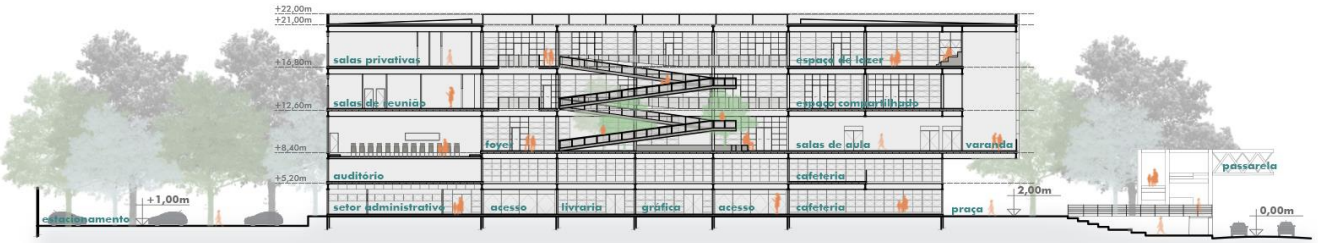
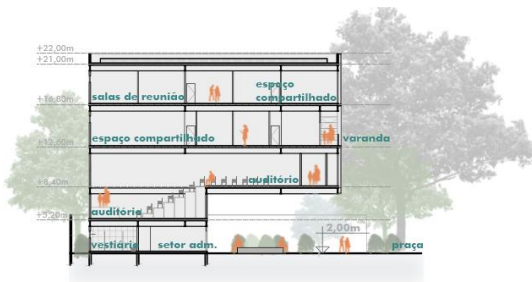


Imagem 52: Perspectiva axonométrica explodida dos elementos estruturais. Fonte: acervo da autora, 2021

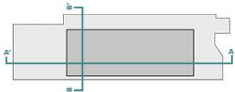
PROJETO



01 Corte AA'



02 Corte BB'



03 Corte de Pele



PROJETO

8. FACHADA

Baseado nas diretrizes projetuais de conectar o meio interno-externo e a relação do edifício com a cidade, assim como proporcionar mais dinamicidade na volumetria e trabalhar os cheios e vazios do objeto, foram criadas varandas nas fachadas norte/oeste com a subtração de espaços do edifício. Tais espaços de convivência foram divididos em dois modelos: amplas varandas na fachada oeste, voltadas para socialização e encontros de maior número de usuários do edifício e espaços mais privativos e reservados na fachada norte, que possibilitam que o usuário se aproprie de diversas formas, desde para encontros em grupos menores, reuniões ou trabalho individuais.

A fim de proteger tais fachadas que são marcadas pelo uso de vidro, que também foi escolhido para gerar a conexão do edifício com o entorno através da transparência, serão utilizados painéis metálicos perfurados fixos, subtraídos apenas nas varandas que serão contornadas e marcadas por uma fina de estrutura em ACM e protegidas por guarda-corpos em vidro. Essa pele externa possui, além da função estética, a função de barrar a entrada direta de sol, garantindo a iluminação filtrada e a ventilação entre os painéis e os fechamentos de vidro, contribuindo com a redução do uso de luz artificial e de condicionadores de ar.

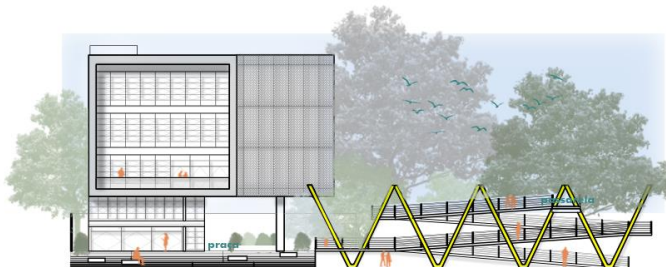
PROJETO

8. FACHADA

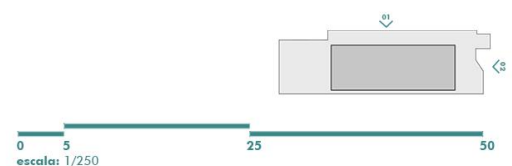
Por fim, as fachadas sul e leste, menos relevantes por não estarem conectadas com os acessos principais e devido à proximidade com as edificações vizinhas, possuirão os fechamentos externos em painel cimentício pré-fabricados, que também garantem agilidade na obra e bom acabamento, associados a esquadrias altas que mantêm a privacidade do programa mas permitem a entrada de ventilação e luz natural.



10 Elevação 01
Rua Ingrid Bergman



11 Elevação 02
Av. Djalma Batista



PROJETO

9. PLANTA BAIXA

Térreo

O térreo concentra as atividades da galeria comercial, que se traduziram em lojas que se alinham com as atividades principais do programa, ou seja, uma gráfica, uma livraria e um café, porém, todas possuem layout flexível para se adaptarem a quaisquer novos programas que sejam propostos. A loja frontal, onde se localiza o café, possui portas pivotantes que permitem a integração total do meio externo com o interno e a distribuição de mesas na área externa, que enfatizam o caráter público da praça.

Nos fundos do edifício se localiza o setor administrativo e sua estrutura de apoio, com vestiários e depósitos para funcionários, assim como o estacionamento que possui 21 vagas, sendo 06 destinadas a portadores de necessidades especiais.

A paginação de piso e o paisagismo foram distribuídos em forma de malha irregular, mesclando canteiros e bancos em concreto de forma continuada com o piso cimentício que se estende até a prumada de circulação que dá acesso aos pavimentos superiores.

PARTIDO

Mezanino

O mezanino funcionará como extensão das lojas da galeria comercial, podendo ser utilizados como depósitos ou áreas para clientes. Seu acesso se dará através de escada e ocultará um banheiro em cada unidade. Nos acessos, o pé-direito será duplo para marcar a circulação vertical e gerar monumentalidade, porém, ainda em escala do usuário.

Nesse pavimento intermediário também se dará o início da plateia auditório de forma escalonada e a localização do palco, permitindo melhor conforto acústico e visualização das apresentações.

PARTIDO



03 Planta Baixa Térreo

- | | |
|--|------------------|
| 01 Praça | 07 Acesso |
| 02 Escada de acesso - Av. Djalma Batista | 08 Recepção |
| 03 Estacionamento | 09 Vestiário |
| 04 Cafeteria | 10 Administração |
| 05 Gráfica | 11 Copa |
| 06 Livraria | 12 Depósito |



Imagem 55: Planta Baixa - Térreo. Fonte: acervo da autora, 2021



04 Planta Baixa Mezanino

- | |
|-----------------------------------|
| 01 Mezanino Cafeteria |
| 02 Mezanino Gráfica |
| 03 Mezanino Livraria |
| 04 Prumada de circulação vertical |
| 05 Auditório |



Imagem 56: Planta Baixa - Térreo. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO



Imagem 57: Vista Escadaria Av. Djalma Batista. Fonte: acervo da autora, 2021



Imagem 58: Vista Praça. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO



Imagem 59: Vista Estacionamento. Fonte: acervo da autora, 2021



Imagem 60: Vista acesso ao edifício. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO

Primeiro Pavimento

O primeiro pavimento concentrará áreas semi públicas do programa, que, apesar de voltadas ao público em geral já exigem controle de acesso, como o auditório e suas estruturas de apoio e as salas de capacitação multiuso, que, com suas divisórias retráteis permitem as mais diversas configurações de layout.

No centro do pavimento a rampa que conecta os outros níveis do projeto se inicia, cercada por um canteiro que trás aspectos naturais ao pavimento e enaltece a relação biofílica dos usuários com o espaço.

Por fim, na porção sul do pavimento se localiza a prumada de circulação e de banheiros que se estende por todo o edifício a fim de facilitar a distribuição da estrutura e dos projetos complementares necessários para a execução de ambos.

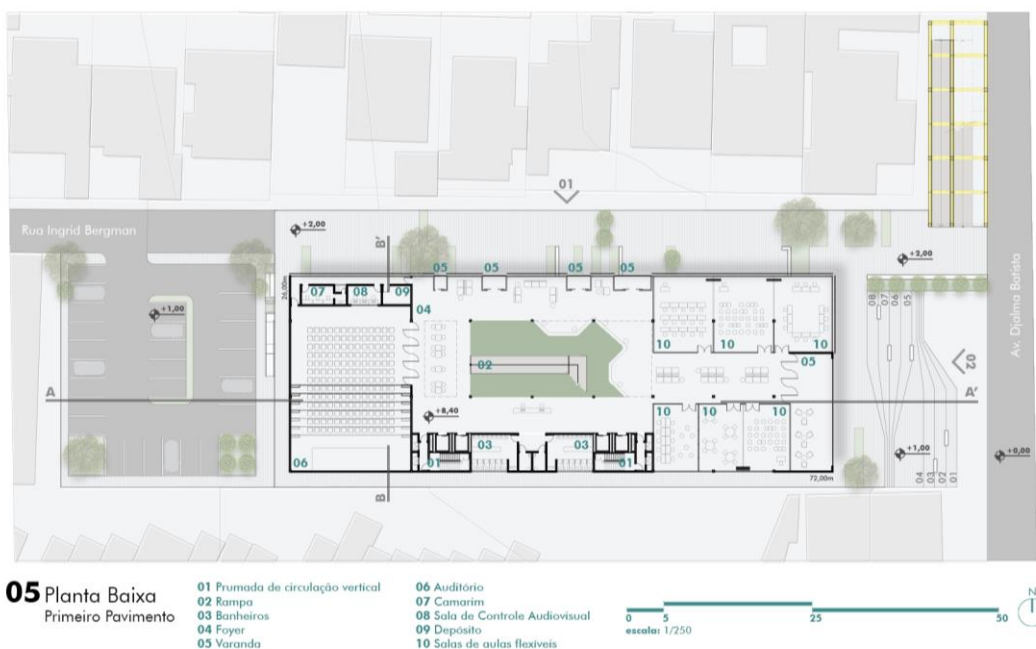


Imagem 61: Planta Baixa Primeiro Pavimento. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO



Imagem 62: Vista Foyer e Rampa. Fonte: acervo da autora, 2021



Imagem 63: Vista canteiro e banco do foyer. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO



Imagem 64: Vista do foyer. Fonte: acervo da autora, 2021



Imagem 65: Vista da rampa. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO

Segundo Pavimento

O segundo pavimento é voltado para o espaço de coworking e o desenvolvimento da atividade principal do programa proposto. A área que se estende como um grande espaço aberto com layout livre é seccionada pelo layout e concentra áreas para trabalho mais focado, como nas cabines individuais, ou espaços de maior compartilhamento de ideias, como as 108 estações de trabalho.

Além disso, o pavimento também conta com a distribuição de salas privadas e salas de reunião, que possuem fechamento em divisórias de translúcidas e opacas que, apesar de gerarem a conexão visual dos espaços, ainda preservam a privacidade dos usuários.

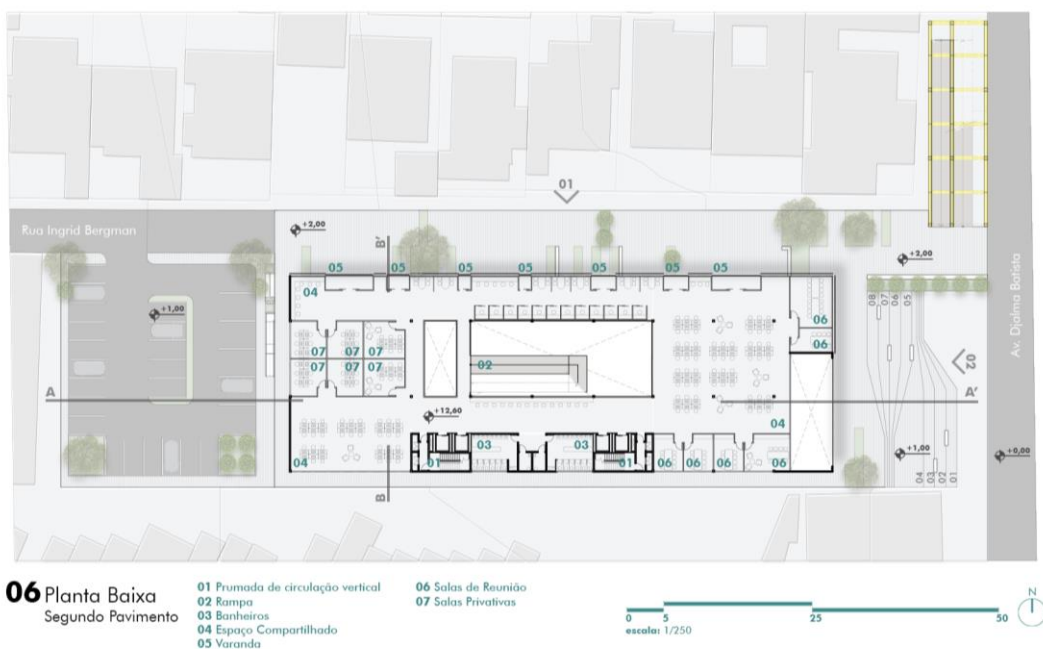


Imagem 66: Planta Baixa Segundo Pavimento. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO



Imagem 67: Vista Salas de Reunião. Fonte: acervo da autora, 2021



Imagem 68: Vista cabines individuais. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO



Imagem 69: Vista Estações de Trabalho. Fonte: acervo da autora, 2021



Imagem 70: Vista cabines individuais. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO

Terceiro Pavimento

Por fim, o terceiro e último pavimento é marcado pelo uso mais privativo do edifício, concentrando mais salas de reuniões e o espaço de convivência voltado para os usuários do *coworking*.

Tal espaço de convivência possui uma copa compartilhada, mesas de jogos para lazer e desconpressão e uma arquibancada que pode ser apropriada de diversas maneiras pelos usuários, desde momentos de relaxamento até a reuniões e conferências mais informais.

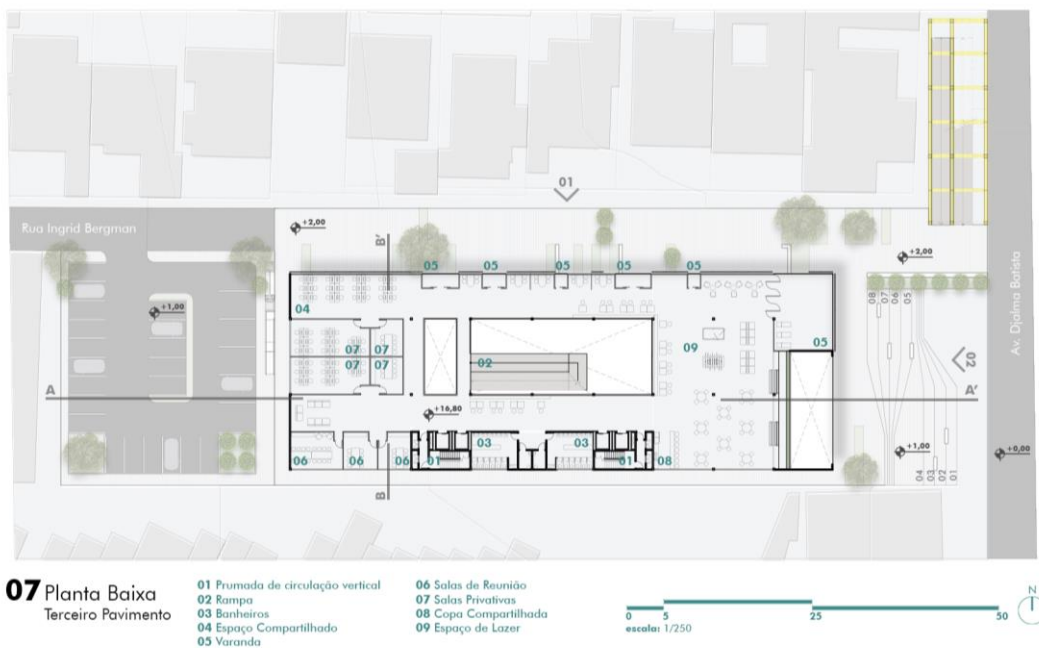


Imagem 71: Planta Baixa Terceiro Pavimento. Fonte: acervo da autora, 2021

PARTIDO

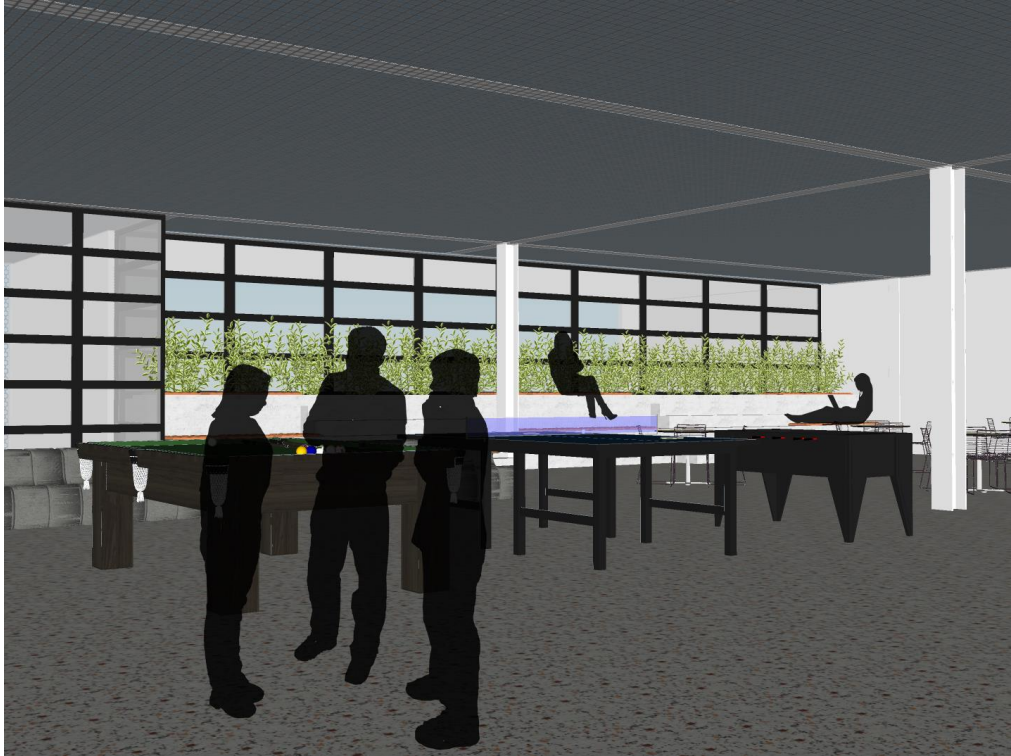


Imagem 72: Vista espaço de lazer. Fonte: acervo da autora, 2021

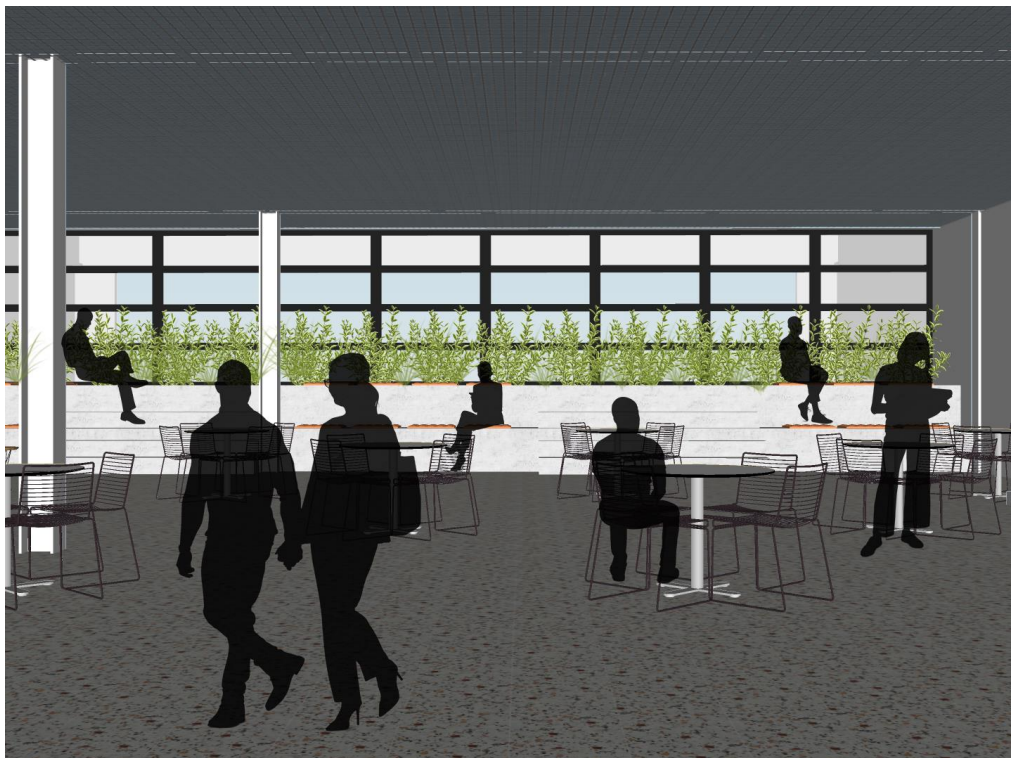
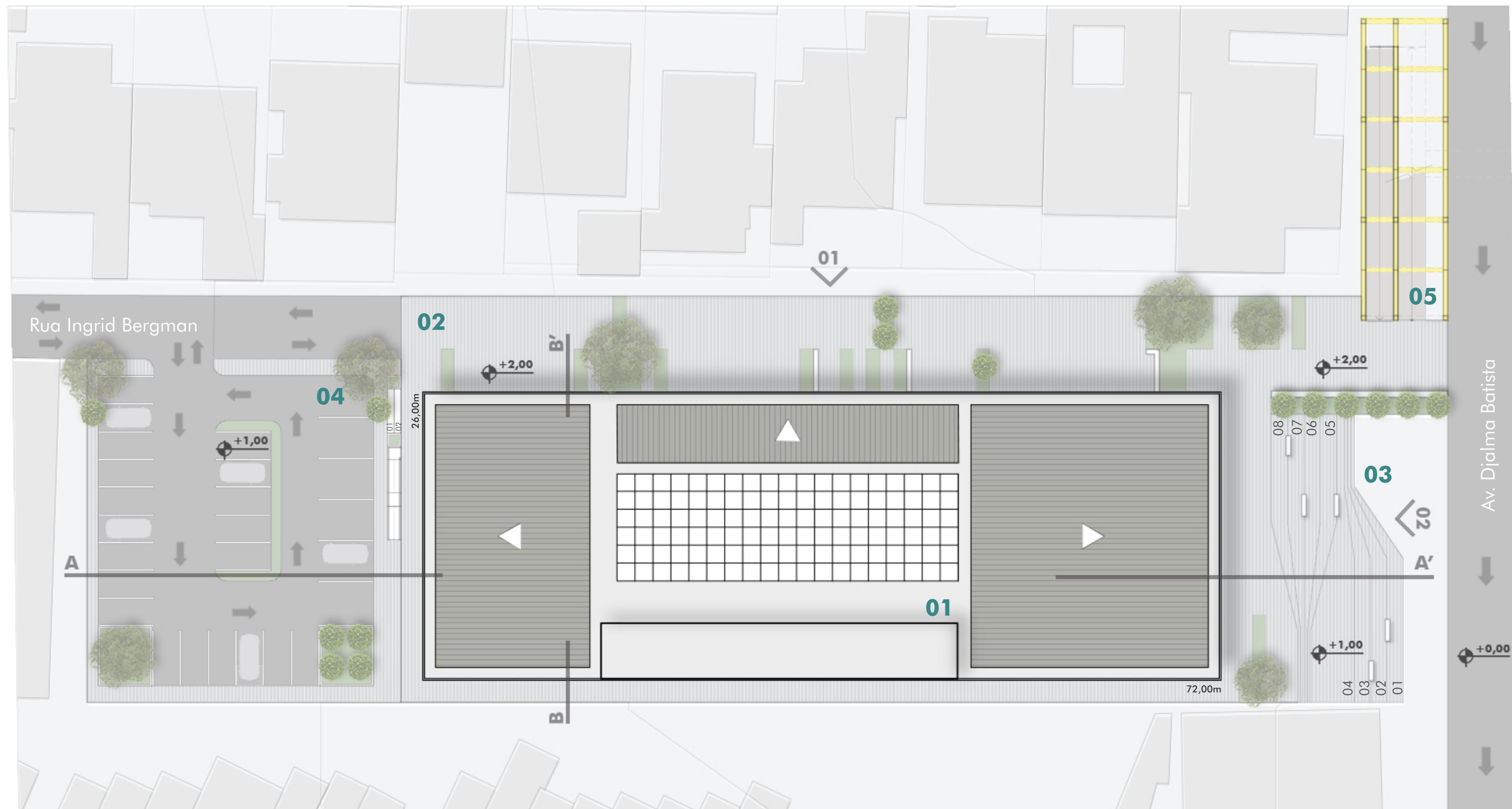


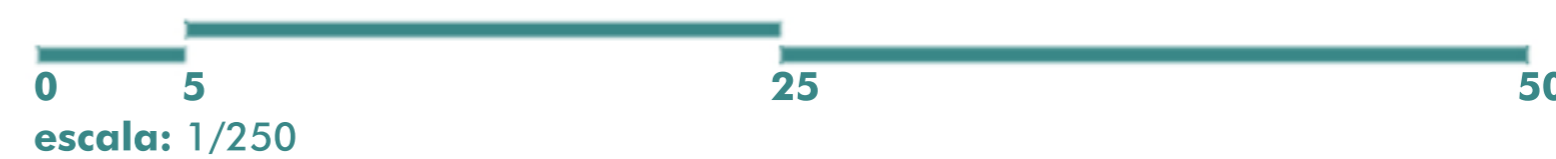
Imagem 73: Vista espaço de lazer. Fonte: acervo da autora, 2021

5. ESTUDO PRELIMINAR



01 Cobertura

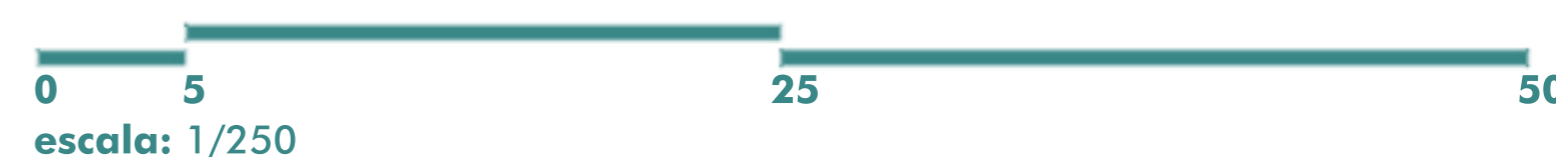
- 01 Edifício
- 02 Praça
- 03 Escada de acesso - Av. Djalma Batista
- 04 Estacionamento
- 05 Passarela





02 Implantação

- 01 Projeção do edifício
- 02 Praça
- 03 Escada de acesso - Av. Djalma Batista
- 04 Estacionamento
- 05 Passarela





03 Planta Baixa Térreo

- | | |
|--|------------------|
| 01 Praça | 07 Acesso |
| 02 Escada de acesso - Av. Djalma Batista | 08 Recepção |
| 03 Estacionamento | 09 Vestiário |
| 04 Cafeteria | 10 Administração |
| 05 Gráfica | 11 Copa |
| 06 Livraria | 12 Depósito |

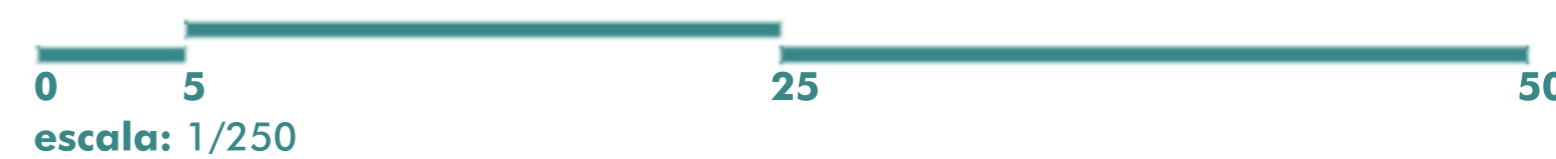


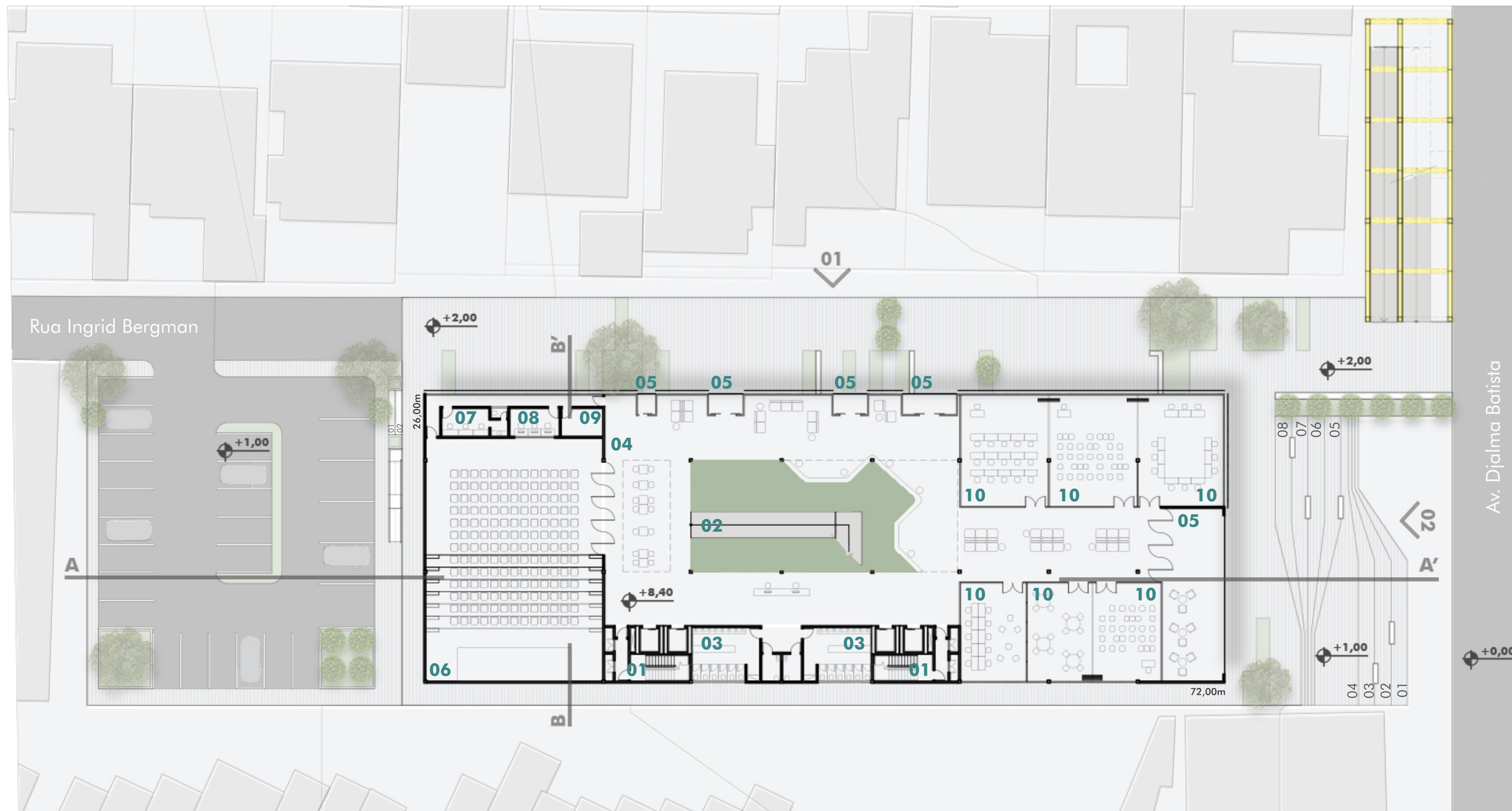


04 Planta Baixa

Mezanino

- 01 Mezanino Cafeteria
- 02 Mezanino Gráfica
- 03 Mezanino Livraria
- 04 Prumada de circulação vertical
- 05 Auditório

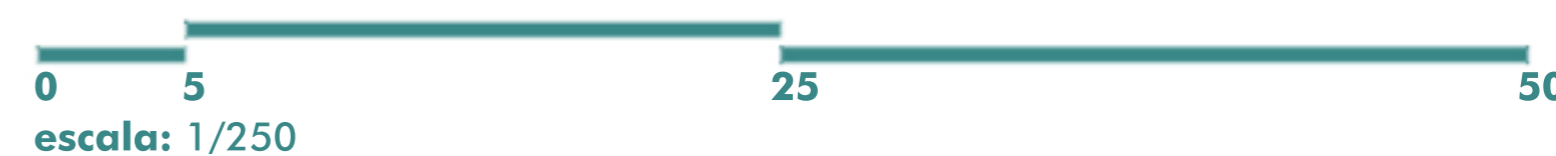


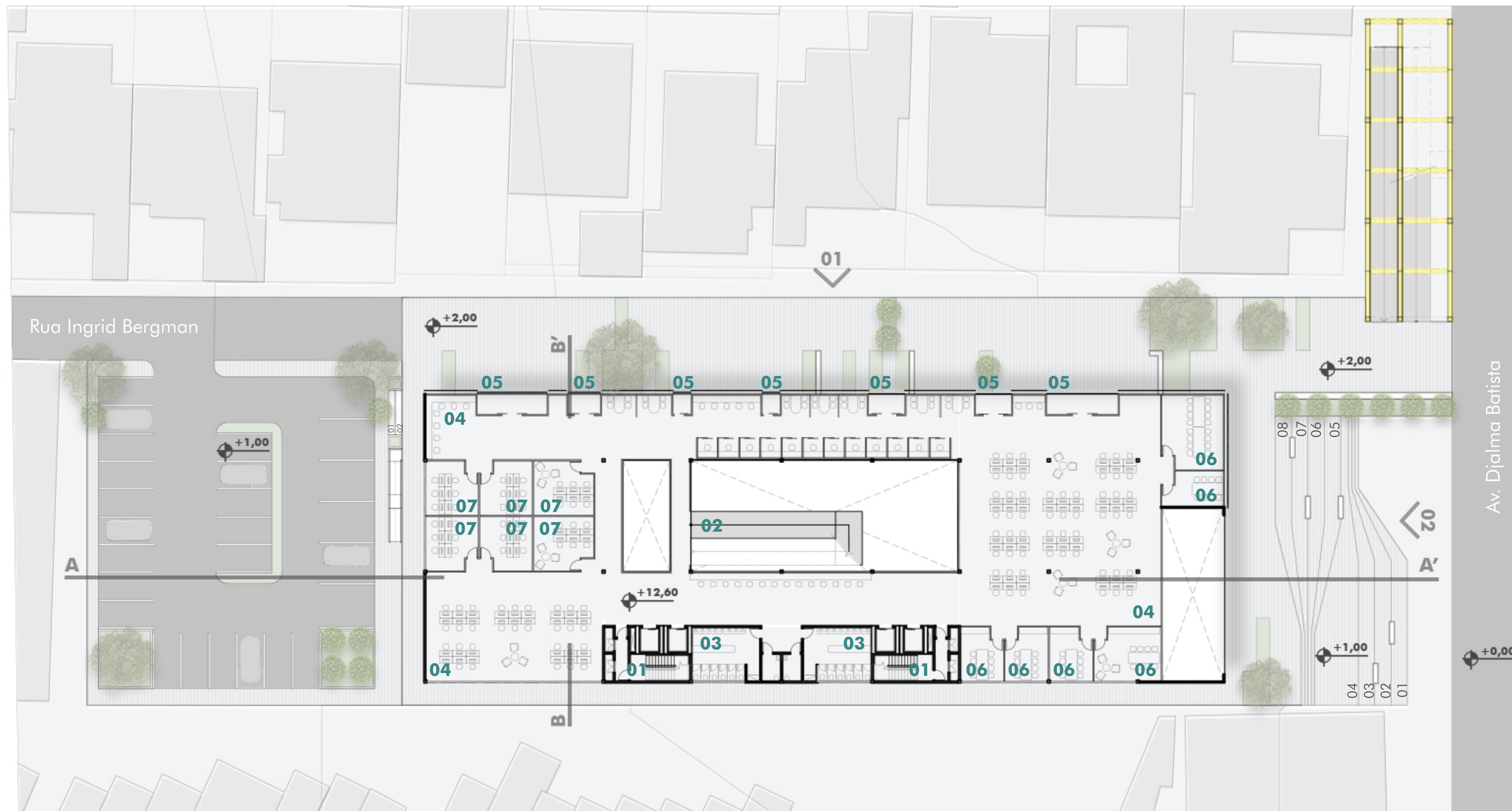


05 Planta Baixa

Primeiro Pavimento

- 01 Prumada de circulação vertical
- 02 Rampa
- 03 Banheiros
- 04 Foyer
- 05 Varanda
- 06 Auditório
- 07 Camarim
- 08 Sala de Controle Audiovisual
- 09 Depósito
- 10 Salas de aulas flexíveis



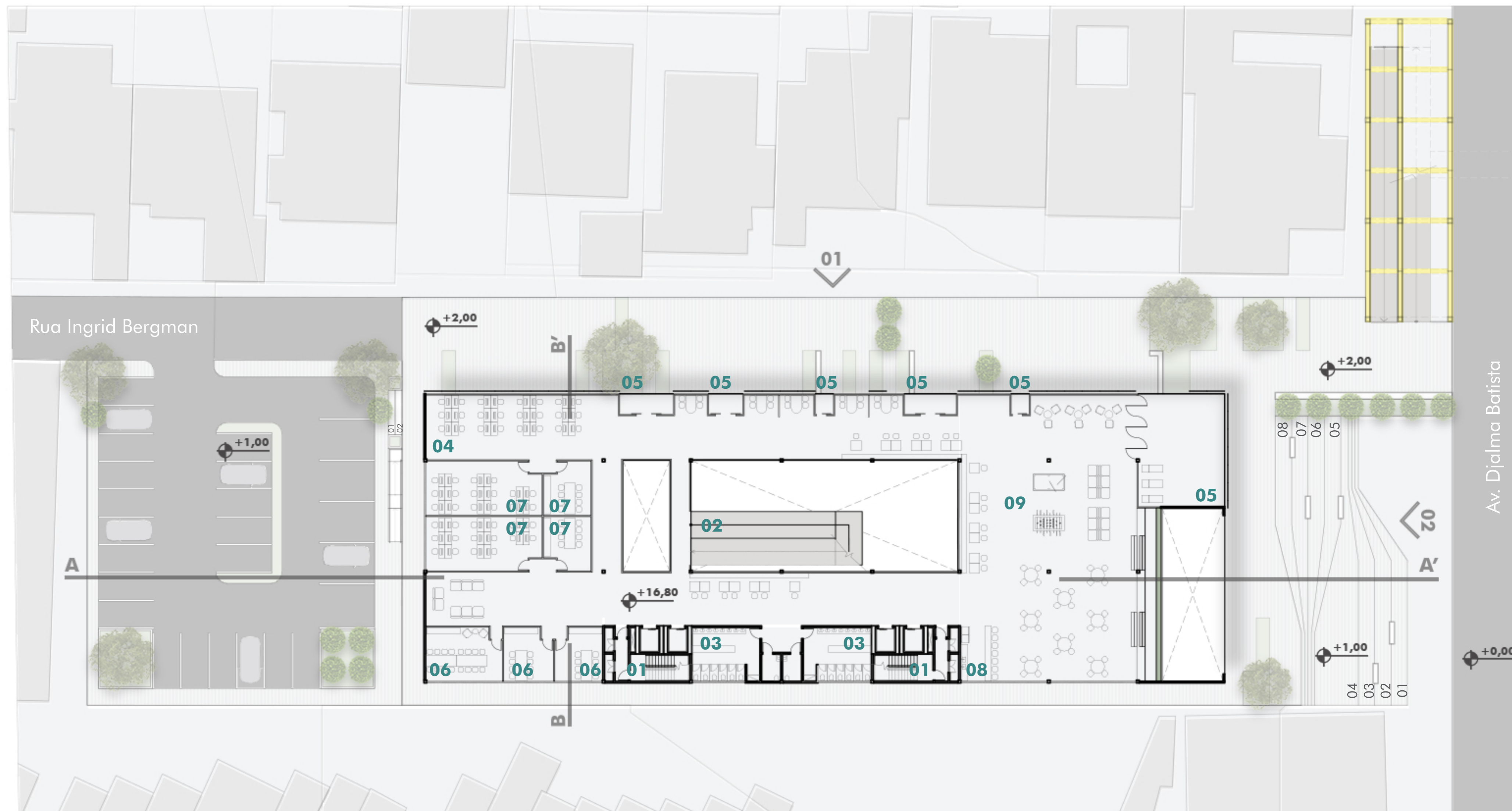


06 Planta Baixa

Segundo Pavimento

- 01** Prumada de circulação vertical
- 02** Rampa
- 03** Banheiros
- 04** Espaço Compartilhado
- 05** Varanda
- 06** Salas de Reunião
- 07** Salas Privativas



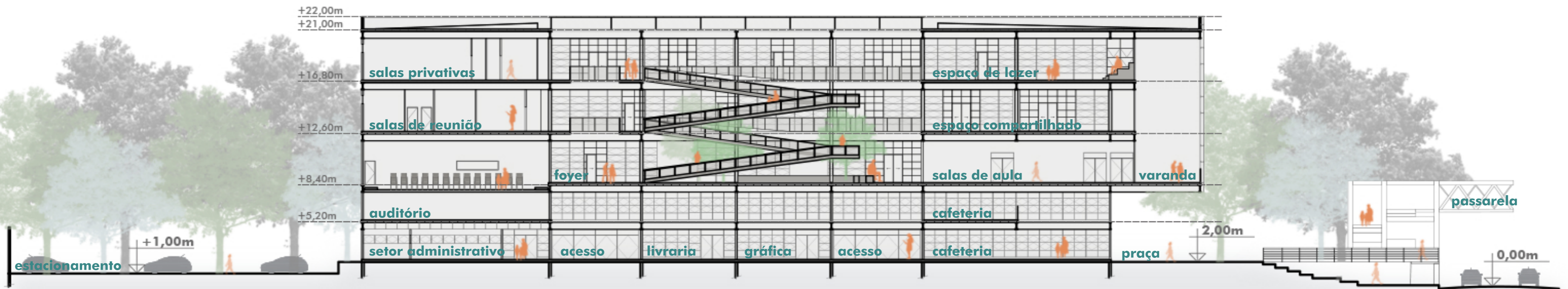


07 Planta Baixa

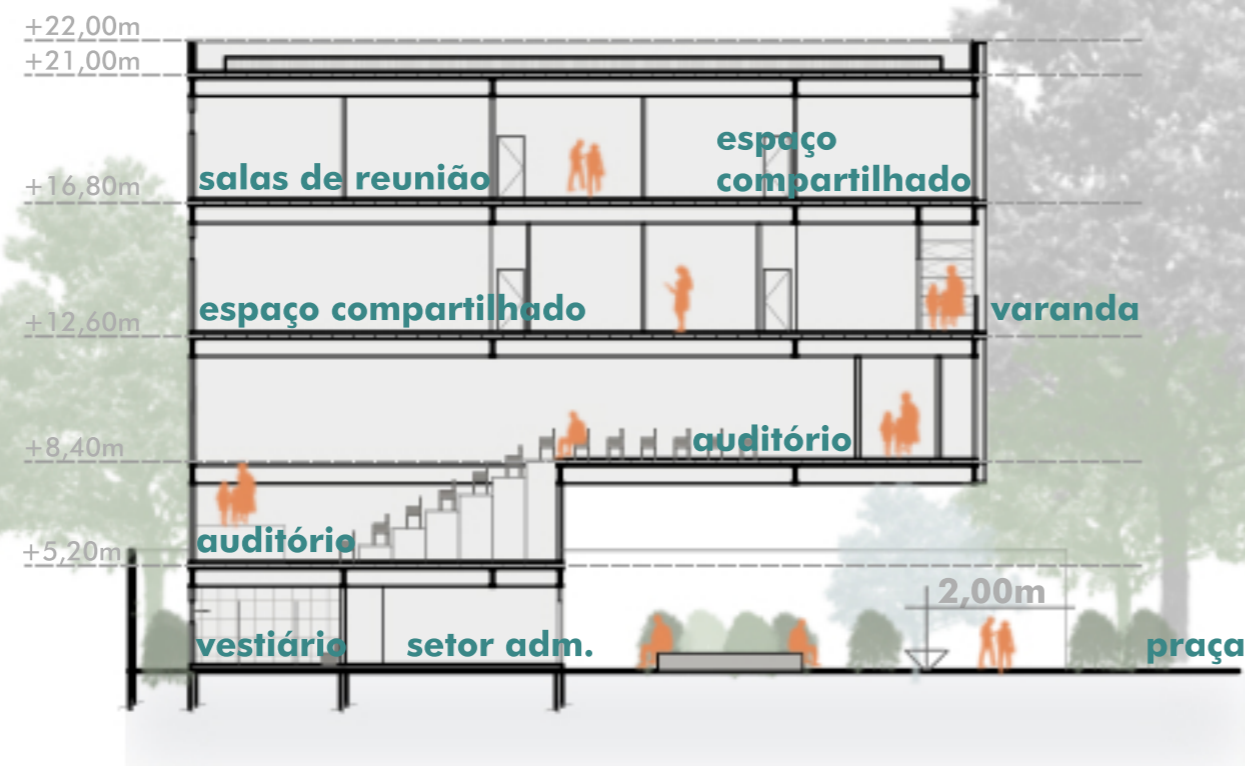
Terceiro Pavimento

- 01 Prumada de circulação vertical
- 02 Rampa
- 03 Banheiros
- 04 Espaço Compartilhado
- 05 Varanda
- 06 Salas de Reunião
- 07 Salas Privativas
- 08 Copa Compartilhada
- 09 Espaço de Lazer

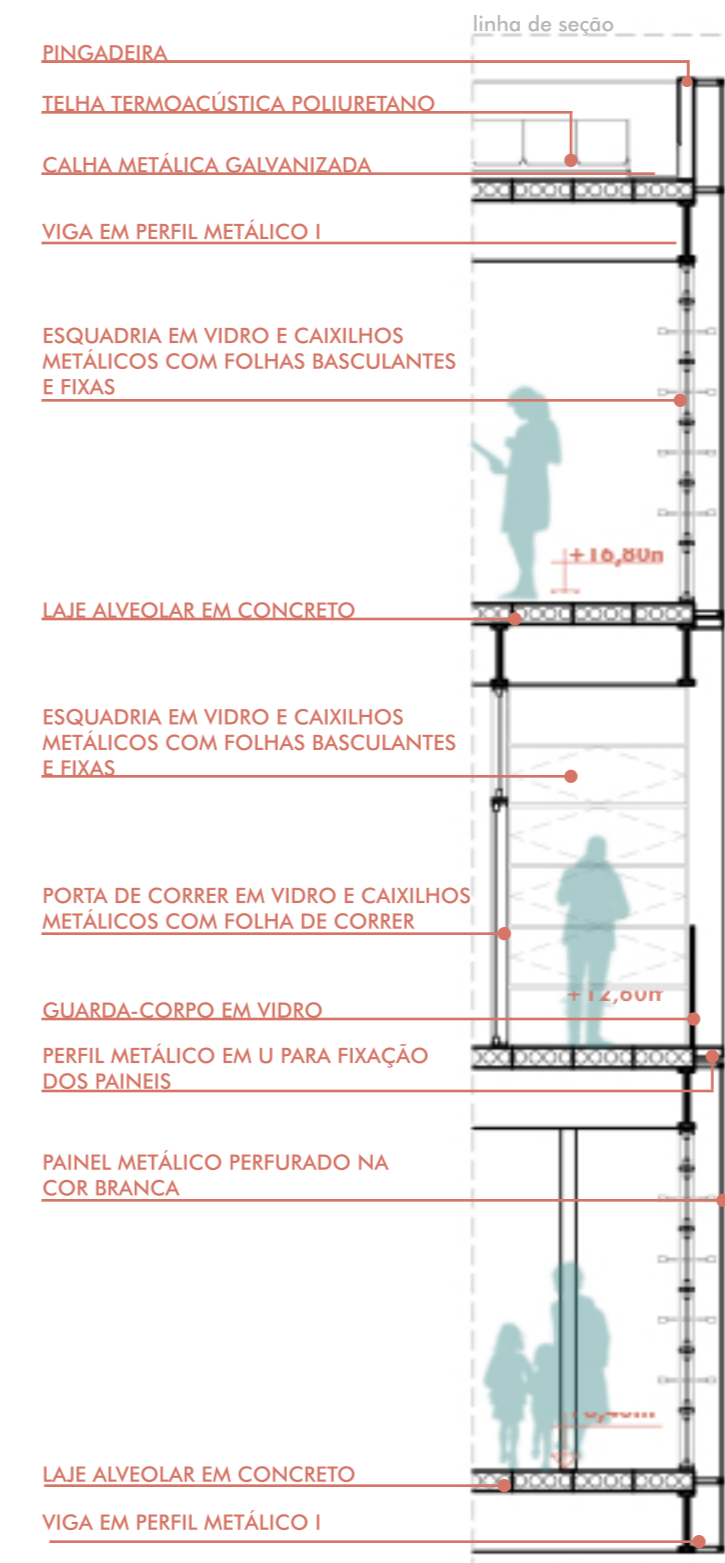
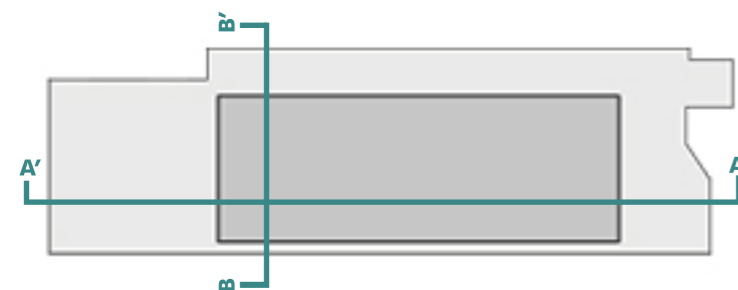




01 Corte AA'

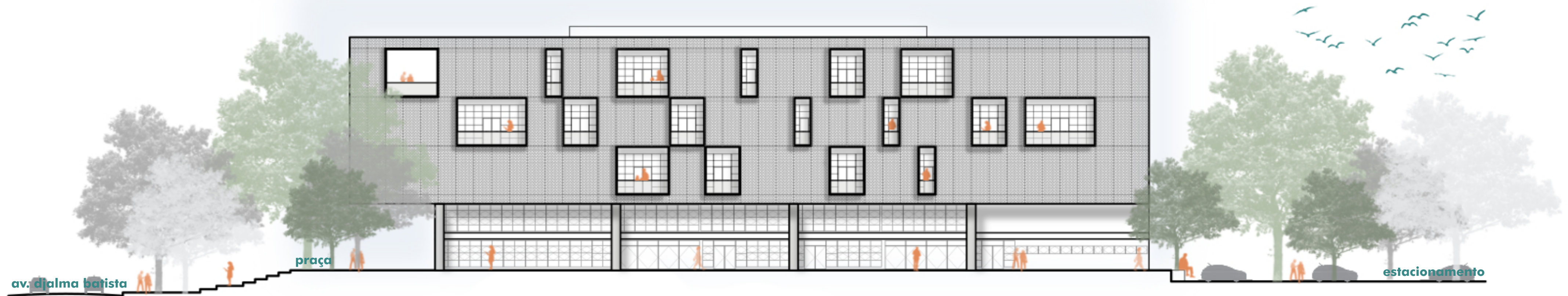


02 Corte BB'

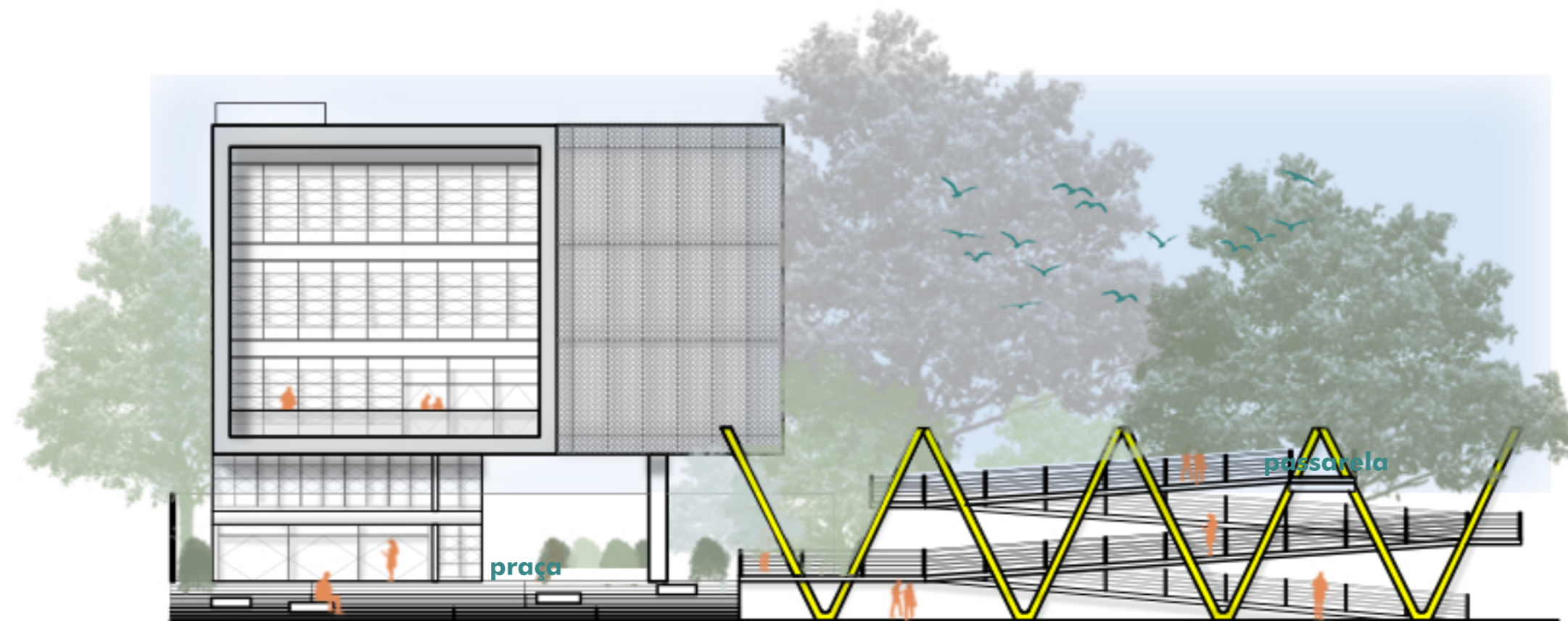


03 Corte de Pele

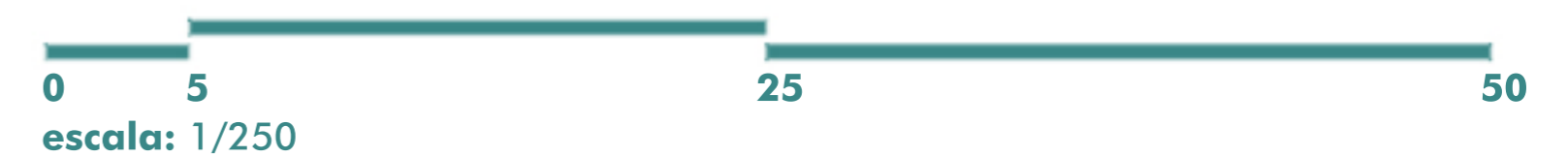
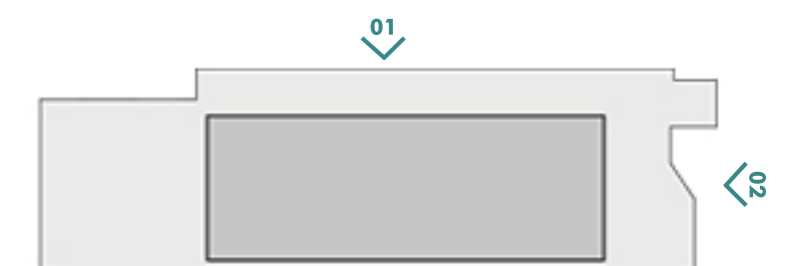




10 Elevação 01
Rua Ingrid Bergman



11 Elevação 02
Av. Djalma Batista



6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Praça das Artes/Brasil Arquitetura. Disponível em:
<<https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>>.

Acesso em: 5 abr. 2021.

Pesquisa Gestão de Pessoas na Crise da COVID-19: Relatório Parcial. . [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://atmosfera.fia.com.br/wp-content/uploads/2020/04/CovidRelatorioParcial.pdf>>.

ABDEL, H. **Casarão da Inovação Cassina - Laurente Troost Architectures.** Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/958210/casarao-da-inovacao-cassina-laurent-troost-architectures>>.

ABRAMO, L. **O futuro do trabalho – os desafios do século XXI para a saúde dos trabalhadores.** 17º Congresso da Associação Nacional de Medicina do Trabalho. **Anais...17 - Supl.1, 2019** Disponível em: <<http://www.rbmt.org.br/details/398/pt-BR/o-futuro-do-trabalho---os-desafios-do-seculo-xxi-para-a-saude-dos-trabalhadores>>.

Acesso em: 5 abr. 2021

AMAZONAS, G. DO E. DO. **Economia.** Disponível em: <<http://www.amazonas.am.gov.br/o-amazonas/economia/>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

BARROSO, B. I. DE L. ET AL. A saúde do trabalhador em tempos de COVID-19: reflexões sobre saúde, segurança e terapia ocupacional. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional, 2020.**

BRASIL, C. **Censo Coworking Brasil 2019.** Disponível em: <<https://coworkingbrasil.org/censo/2019/#distribuicao>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, B. L. G. DE ET AL. COVID-19 e organizações: estratégias de enfrentamento para redução de impactos. **Revista de Psicologia Organizacional Trabalhista**, p. 1059–1063, set. 2020.

FOUNDATIONS, E. M. **Economia Circular**. Disponível em: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/pt/economia-circular/conceito>>.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, p. 229–248, dez. 2010.

HAN, B.-C. **Sociedade do Cansaço**. 1. ed. [s.l.] Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PULSO Empresa IBGE**. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br/pulso-empresa/>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD COVID19)**. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LAFUENTE, J. A. A. **O Edifício Doente: Relação entre construção, saúde e bem-estar**. Braga: [s.n.].

LAZARETTI, B. **94% das firmas aprovam home office, mas 70% vão encerrar ou manter em parte**. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/28/94-das-empresas-aprovam-home-office-mas-75-nao-o-manterao-apos-pandemia.htm>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

PALLASMAA, J. **Habitar**. 1. ed. [s.l.: s.n.].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA, M. C. DE C. O trabalho no século XXI e sua relação com o agravamento à saúde dos trabalhadores. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, p. 160, 2014.

PEREIRA, M. **Ágora Tech Park / Estúdio Módulo**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/924719/agora-tech-park-estudio-modulo>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

RAFALSKI, J. C.; DE ANDRADE, A. L. Home-Office: Aspectos Exploratórios do Trabalho a partir de Casa. **Temas em Psicologia**, vol. 23, núm.2, p. 431–441, 2015.

RAMALHO DA SILVA, R. HOME-OFFICER: um surgimento bem-sucedido da profissão pós-fordista, uma alternativa positiva para os centros urbanos. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, p. 85–94, 2009.

ROCHA, T. A. DA. O culto da performance: o novo modelo de trabalho do século XXI. **Revista Sem Aspas**, p. 156–167, jun. 2018.

SEMTEPI. **Em um mês, Casarão da Inovação Cassina se consolida como centro de tecnologia**. Disponível em: <<https://www.manaus.am.gov.br/noticia/casarao-inovacao-cassina-centro-de-tecnologia/>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

SEVERIANO, A. **Manaus de oportunidades: capital tem inúmeras potencialidades para empreender, dizem especialistas**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/manaus-de-oportunidades-capital-tem-inumeras-potencialidades-para-empreender-dizem-especialistas.ghtml>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

TAYLORISMO. Dicionário online Michaelis, 14 ago. 2021. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/palavra/Yk7qL/taylorismo/>. Acesso em 14 ago. 2021.

WALSH, N. P. **Coronavírus: o fim dos escritórios?** Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/935470/coronavirus-o-fim-dos-escritorios?ad_source=search&ad_medium=search_result_all>. Acesso em: 5 abr. 2021.